

ARTE EM REPRODUÇÃO ELETRÔNICA

A NOVA REFERÊNCIA EM IMAGEM DO MERCADO

TV SONY OLED XBR-65A8F



E MAIS

TESTES DE ÁUDIO

TOCA-DISCOS DE VINIL RELOOP TURN5
SOUNDBAR SONY HT-S700RF

ENTREVISTA

HAMILTON DE HOLANDA

OPINIÃO

OUVINDO ALGO DIFERENTE:
KRONOS QUARTET - PIECES OF AFRICA

UMA VERSATILIDADE INCOMUM

PS AUDIO STELLAR GAIN CELL DAC



MUSICIAN: A ÓPERA NO SÉCULO XIX - VOL. 10

SAMSUNG



Controle Remoto Único



Única Conexão



Para vários aparelhos
conectados à TV

Único fio que conecta e esconde
todos os aparelhos conectados à TV

Supporte No Gap



Quase sem espaço
entre a TV e a parede

Saiba mais em
samsung.com.br/qled

QLED TV

Chegou a TV que se adapta à sua casa e à sua vida.
Nova Samsung QLED TV 2018 com Modo Ambiente.



cheil

See nothing else

Imagen referência. Consulte o site ou vá até uma loja para verificar o produto antes de realizar a compra. O Modo Ambiente incorpora a televisão à parede por meio da reprodução digital de sua textura, criando o efeito de "invisibilidade". Tal funcionalidade mantém a televisão em modo "stand by". As configurações de plano de fundo do Modo Ambiente podem variar dependendo do local em que a TV está instalada, como design das paredes, padrões e/ou cores. É necessário utilizar o aplicativo SmartThings para tirar foto pelo smartphone. Todos os equipamentos precisam estar conectados na mesma rede e é necessário ter conexão de internet. O resultado da textura criada pelo Modo Ambiente pode variar de acordo com a resolução da câmera do smartphone. Os produtos e serviços anunciados podem ser descontinuados sem aviso prévio. Controle Remoto Único: verifique a compatibilidade com os dispositivos a serem conectados. Única Conexão: único cabo que conecta a TV a uma central externa que liga a TV à energia e demais aparelhos. Não disponível para o modelo Q6FN. O Suporte de Parede No Gap é um acessório vendido separadamente e não é compatível com a Q6FN. A distância entre a parede e a TV pode variar de acordo com o tipo de parede e instalação. Verifique a compatibilidade dos dispositivos conectados para pleno funcionamento da função. Mais informações em www.samsung.com.br/qled.

PRODUZIDO NO
POLO INDUSTRIAL
DE MANAUS
CONHEÇA A AMAZÔNIA

ÍNDICE



PS AUDIO STELLAR GAIN CELL DAC

26

E EDITORIAL 5

Vida longa ao vinil!

● NOVIDADES 6

Grandes novidades das principais marcas do mercado

● HI-END PELO MUNDO 14

Novidades

● ENTREVISTA 16

Hamilton de Holanda,
bandolinista e compositor

✖ OPINIÃO 18

Ouvindo algo diferente:
Kronos Quartet - Pieces of Africa

✖ OPINIÃO 20

Fatos e argumentos

▲ TESTES DE ÁUDIO

26

PS Audio Stellar Gain Cell DAC



34



40



44

▲ TESTES DE ÁUDIO

34

Toca-discos de vinil
Reloop Turn5

40

Soundbar Sony HT-S700RF

▼ TESTE DE VÍDEO

44

TV Sony OLED XBR-65A8F

● DESTAQUES DO MÊS - MUSICIAN

Bibliografia: a ópera no século
XIX - do Romantismo ao Verismo

52

Bibliografia: a ópera no século
XIX - parte I

60

Discografia - a ópera no século
XIX - vol. 10

66

Γ ESPAÇO ABERTO 72

Ouvido de aluguel

□ VENDAS E TROCAS 74

Excelentes oportunidades
de negócios



X Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

LONGA VIDA AO VINIL!

O amigo Tarso, que mora há anos na Holanda, enviou-me um artigo muito interessante e que pode mudar por completo a produção de LPs nos próximos anos. Uma nova tecnologia, batizada de 'steamless', promete trazer benefícios econômicos e ambientais para uma indústria de prensagem de discos que parou literalmente no meio do século passado. Por todo o século XX, as empresas de prensagem de discos utilizaram máquinas que exigiam uma complexa infraestrutura de tubulações para os mecanismos de aquecimento e resfriamento, baseados em vapor. Quando o vinil ressurgiu com força total agora na virada do século, as máquinas utilizadas para atender a demanda de mercado foram todas fabricadas nos anos 1960 e 1970, na maioria das vezes entregues aos ferros-velhos e readquiridas em condições bastante deterioradas. Levando o custo final, para uma delas novamente em condições de uso seguro, a quase 200 mil dólares! Em 2017, a Viryl Technologies, com sede em Toronto, apresentou suas impressoras WarmTone. Essas máquinas não são clones, mas sim feitas à partir do zero, incluindo uma construção modular e operação totalmente automatizada, e monitoramento remoto de todo o processo de produção através de seu software ADAPT. Porém, esta nova máquina também precisa de um grande sistema de caldeira, o que exige autorização para o menor impacto possível ambiental. Então a Viryl desenvolveu o sistema 'steamless', que tornará as caldeiras e tubulações uma coisa do passado. Tradicionalmente, os moldes de vinil usados para estampar os discos são aquecidos por vapor que é entregue à prensa a partir de uma caldeira. Com o novo processo, a água é aquecida eletricamente para os 285 graus Fahrenheit, para o derretimento perfeito dos discos de PVC. Este novo método remove o gás, a caldeira e toda a parafernália de tubulações. Isso, também diminui o espaço de trabalho e o desperdício de água. E o melhor: a eliminação de todos os produtos químicos de tratamento usados para manter a caldeira em funcionamento. Duas empresas americanas já optaram pela solução: a Weber e a Smashed Plastic - ambas

buscavam uma solução revolucionária para expandir os negócios. A Smashed Plastic, localizada em Chicago, já tem dezenas de pedidos antes mesmo da inauguração do novo maquinário. E eles acreditam que, com o crescimento deste segmento, que praticamente dobra a cada dois anos, no mercado americano, o investimento será pago integralmente em 36 meses!

Mas as boas notícias não se limitam apenas à América do Norte. Uma matéria publicada no site R7 mostra que o vinil também ganha força no Brasil, apesar da crise. Em pesquisa feita no eBay, para identificar o perfil do consumidor de vinil brasileiro, as conclusões e números são bastante auspiciosos! Nesta plataforma de compras, a média de cada pedido ultrapassa cinco unidades, levando muitos a terem comprado mais de 100 LPs em 2018! E os três maiores vendedores de LPs foram: Spinning Art Music, Good Sound Store e Vinil Morte Mp3.

Nesta última edição do ano, também testamos um excelente toca-discos por menos de 7 mil reais, e um pré de linha que também é DAC e amplificador de fone de ouvido e que pode ser a melhor opção para quem deseja todos essas soluções em um único produto. E tivemos o privilégio de testar o novo televisor da Sony OLED XBR-64A8F, que ganhou do nosso colaborador Jean Rothman a maior nota de qualidade de imagem nesta publicação. E não nos esquecemos de você, nosso novo leitor, que reclama por testes com produtos mais acessíveis, e apresentamos também o novo soundbar da Sony HT-S700RF, com diversos recursos e bom nível de performance para quem busca uma solução de home-theater boa e barata.

Chegamos ao final de mais um ano! Difícil, tenso, cheio de dúvidas quanto ao futuro, porém esperançosos de que teremos dias melhores. Assim é o nosso desejo a todos vocês queridos leitores, que fielmente nos prestigiam, ano após ano.

À todos um excelente 2019!



NOVIDADES

NOVA LINHA DE FONES DE OUVIDO GRADO LABS NO BRASIL PELA KW HI-FI



ASSISTA AO VÍDEO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=CSVXJY4M0MI](https://www.youtube.com/watch?v=CSVXJY4M0MI)

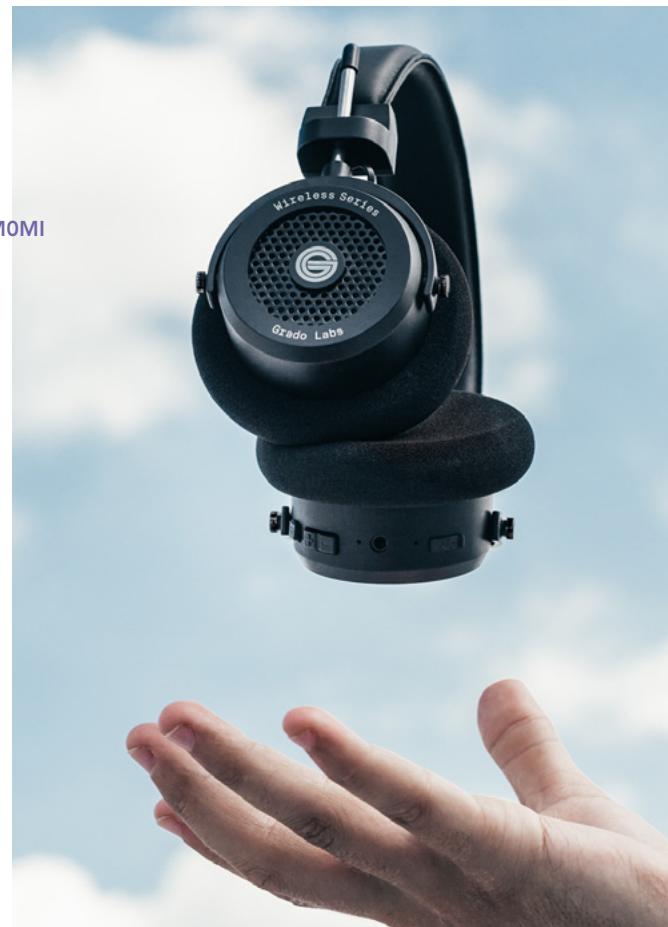
Além da linha completa de fones de ouvido e cápsulas para toca-discos, já estão disponíveis no Brasil o GW100, primeiro fone de ouvido Bluetooth da norte-americana Grado, e também a série limitada Heritage, com os fones de ouvido com fio modelos GH3 e GH4.

A Grado Labs foi fundada em 1953 pelo engenheiro, inventor e relojoeiro Joseph Grado, que começou a produzir cápsulas de phono em sua casa artesanalmente - chegando, em 1959, a patentear um design de cápsula Moving Coil estéreo. Na década de 1960 a empresa produziu toca-discos, braços e até caixas acústicas, logo passando a se focar apenas no projeto e manufatura de cápsulas, até a aposentadoria de Joseph Grado em 1990, quando assume seu sobrinho John e inicia-se também a produção de seus célebres fones de ouvido. É uma empresa familiar sediada no Brooklyn, em Nova York, onde até hoje fabricam à mão suas mundialmente conhecidas linhas de fones de ouvido e de cápsulas para toca-discos de vinil. A empresa, que já foi referida como "o melhor transdutor de eletricidade-para-som do mundo", está na terceira geração da família, com John Grado como CEO e seu filho Jonathan Grado como Vice-Presidente de Marketing.

NOVOS FONES DE OUVIDO

O GW100 é o primeiro fone sem fio Bluetooth da empresa, com um design open-back que utiliza os mesmos drivers consagrados usados em outros fones da linha, com ajuste fino de sua performance para adequação ao sistema sem fio, além de alterações no gabinete para acomodação da parte eletrônica - tudo para diminuir o vazamento de som em até 60%. O GW100 vem equipado com Bluetooth padrão aptX para a melhor qualidade de som, a carga de sua bateria dura até 15 horas, e tem uma resposta de frequência de 20 Hz a 20 kHz.

A nova série limitada de fones de ouvido Grado, a Heritage, traz os modelos GH3 e GH4, ambos com cúpula de pinho norueguês



que passa por um processo de cura especial. O GH3 é o fone de entrada da linha Heritage com uma cúpula menor a partir de um corte mais fino da madeira, e o GH4, de cúpula maior, é o topo de linha que passou a substituir os modelos GH1 e GH2. Ambos GH3 e GH4 possuem resposta de frequência de 18 Hz a 24 kHz e uma sensibilidade de 99.8 dB.

Além da linha completa de fones de ouvido Grado Labs, a KW Hi-Fi também disponibiliza a celebrada linha de cápsulas da empresa, desde a linha Prestige, passando pelas Reference, Statement até a linha mais sofisticada Lineage, com as obras-primas Epoch e Aeon, ambas com corpo de madeira cocobolo e cantilever de safira. ■

Para mais informações:

KW Hi-Fi

(48) 3236-3385

(11) 95442-0855 (WhatsApp / Celular)

www.kwhifi.com.br

 YAMAHA

Yamaha Turntable MusicCast VINYL 500



Ouça seus discos de vinil em qualquer lugar de sua casa através do Yamaha Turntable MusicCast VINYL 500. Distribua por todos os cômodos as músicas de sua coleção de discos. Compartilhando com um ambiente diferente – externo, com seus amigos, ou na cozinha.

MusicCast VINYL 500 é uma nova maneira de desfrutar discos de vinil. Através de sua rede Wi-Fi conecte todos os equipamentos Yamaha compatíveis com MusicCast à partir de um simples aplicativo, com a mais alta qualidade sonora, aliando tecnologia e estilo.

www.yamaha.com.br

musicCast
Wireless Music System

 **Bluetooth®**

 **DLNA CERTIFIED™**

Made for
 

NOVIDADES

NOVA LINHA DE BRAÇOS DA JAPONESA JELCO NO BRASIL PELA KW HI-FI

ASSISTA AO VÍDEO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=KSKFNEA_HNA](https://www.youtube.com/watch?v=KSKFNEA_HNA)

A KW Hi-Fi está trazendo ao Brasil as novas versões da consagrada linha de braços para toca-discos de vinil da tradicional empresa japonesa Jelco, incluindo os novos braços 550, 850 e 950 - de 9 e de 12 polegadas.

A Jelco Ishikawa Jewel Co. foi fundada em 1920 em Tóquio, Japão, no ramo de micro-mecânica e esferas de rolamento de precisão para relógios mecânicos, medidores de energia elétrica, entre outros. A partir de 1958, com a criação do LP estéreo, a Jelco passou a fabricar também diamantes para agulhas de cápsulas de phono, além de seus braços de precisão para toca-discos.

NOVOS BRAÇOS

Como destaque entre os novos modelos estão, substituindo a antiga e consagrada linha 750, os novos TS-550S (9" / massa efetiva de 9.2 g) e TS-550L (12" / massa efetiva de 9 g), ambos de equilíbrio estático com rolamento tipo gimbal, com reservatório de fluido de amortecimento no topo da torre, e dimensões próprias para gabarito de alinhamento padrão Baerwald.

Logo acima, na linha, estão os modelos de equilíbrio estático com rolamento Knife-Edge, tipo faca, TK-850S (9" / massa efetiva de 13.4 g) e TK-850L (12" / massa efetiva de 13 g), ambos também para gabarito Baerwald.

No topo de linha vêm os braços TK-950S (9" / massa efetiva de 13.4 g) e TK-950L (12" / massa efetiva de 13 g), ambos também para gabarito Baerwald, também equipados com rolamento tipo Knife-Edge, mas com o diferencial de poder operar tanto com equilíbrio estático como com equilíbrio dinâmico.

Além a linha de braços para toca-discos, a Jelco hoje produz vários modelos de headshell de encaixe baioneta universal (o padrão SME) em metal e madeira, cabos DIN>RCA com aterramento para conexão de braços ao pré-amplificador de phono, balanças digitais para regulagem de peso do braço e fios de reposição para headshell - tanto em cobre litz quanto em prata pura.

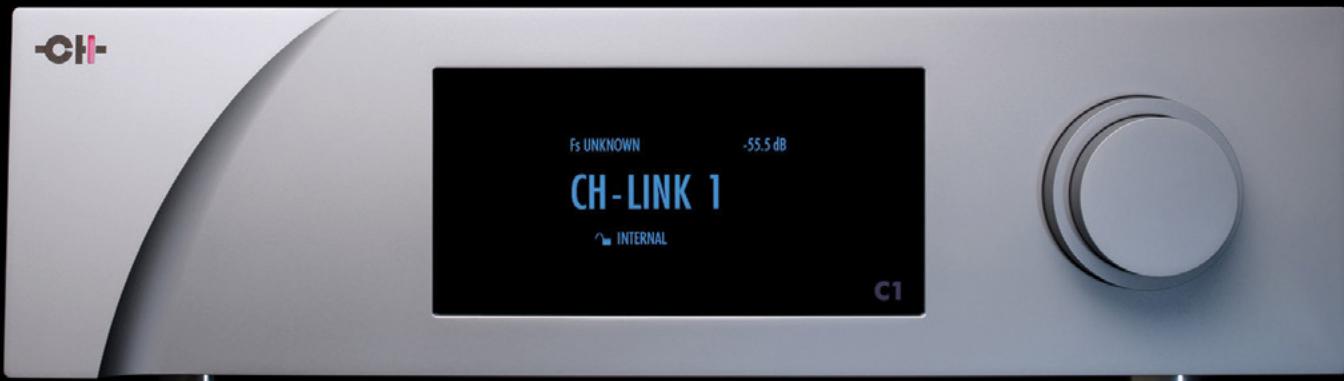
Para mais informações:

KW Hi-Fi
(48) 3236-3385
(11) 95442-0855 (WhatsApp / Celular)
www.kwhifi.com.br



Where Swiss Precision Meets Exquisite Refinement

CH Precision C1 Reference Digital to Analog Controller



A Ferrari Technologies orgulhosamente apresenta a mais nova referência mundial em eletrônica Hi-end. A Suíça **CH Precision**, mais uma marca *State of the Art* representada no Brasil.

“O C1 é, de longe, o melhor DAC ou componente que eu já experimentei no meu sistema. Não tem absolutamente “voz”. Um de seus atributos mais impressionantes é o ruído de fundo extremamente baixo. Em excelentes gravações, os instrumentos surgem ao vivo sem silvos ou anomalias. É absolutamente silencioso! O C1 “pega” qualquer coisa que você jogue nele. Eu ouvia música horas e horas e gostava de cada segundo. Isso me permitiu penetrar mais fundo nas nuances. É tão silencioso que a textura instrumental se tornou uma delícia. O C1 também se destaca em todos os outros parâmetros que você pode imaginar: separação de canais, dinâmica, recuperação de detalhes e apresentação geral.”

Ran Perry


FERRARI
TECHNOLOGIES
Áudio, Vídeo e Acústica

www.ferraritechnologies.com.br
Telefone: 11 5102-2902 • info@ferraritechnologies.com.br



NOVIDADES

TIMELESS LANÇA RÉGUAS PARA DUAS OU QUATRO TOMADAS



Lançamento dos FacePlate Timeless, são dois modelos Single e Dual. A Base feita em TM (Timeless Matrix - a mesmo material usado no Rack Timeless , com fibra de algodão e nano partículas piezoelectricas) , chapa frontal de Inox 304 (liga austenitica não magnética).

Toda a estrutura usinada CNC . Este Eh um lote piloto são poucas peças que serão disponibilizadas como Beta Teste com preço promocional de R\$ 280 a versão Single e R\$ 334 versão dual.

Observação: As tomadas não estão inclusas (foram colocadas apenas para ilustrar a qualidade da régua e a facilidade de montagem).

O preço de tabela R\$ 500 a versão Dual e R\$ 420 a Single



Para mais informações:
Timeless Audio
(11) 98211.9869
www.timeless-audio.com.br



Motive SX2

Os alto-falantes da Neat Acoustics são concebidos para permitir que os amantes da música experimentem toda a emoção e o propósito da música gravada. Isto é conseguido ao eliminar o artifício inerente à cadeia de gravação / reprodução e revelar a essência da mensagem musical. Os designers da Neat trabalham do ponto de vista de um ouvinte, tocando muitos tipos diferentes de música. O design é gradualmente moldado por um processo interativo, ajustando e afinando, e julgando os resultados em uma base puramente musical.

Grande cuidado é tomado com a escolha e desenvolvimento de todos os componentes usados em alto-falantes Neat. Quando apropriado, peças OEM são usadas, às vezes de forma modificada. Outras peças são fabricadas pela própria Neat ou por empresas especializadas, que produzem de acordo com nossas especificações.

Ultimatum XL6



neat
acoustics

Agora no Brasil

DISTRIBUIÇÃO OFICIAL

german
Audio
www.germanaudio.com.br

NATAL 2018: SONY INDICA PRODUTOS TECNOLÓGICOS PARA PRESENTEAR AMIGOS, FAMILIARES E A SI MESMO

**XBR-X905F**

O Natal está chegando e, além daquele clima que permeia todos os lugares, um dos momentos mais esperados e importantes desta época é a troca de presentes. Isso pode acontecer entre familiares, amigos ou até mesmo quando alguém quer fazer um agrado para si mesmo.

Pensando em facilitar as escolhas de presentes natalinos, a Sony listou algumas indicações de produtos de diferentes categorias e se parou em dois perfis: “para presentear”, com foco naqueles que estão procurando itens para amigos e para a família; e “para se presentear”, lembrando de quem será o beneficiado do próprio presente.

PARA PRESENTEAR FAMILIARES E AMIGOS



SRS-XB10

Este é o modelo mais leve e portátil de toda a linha de caixas de som portáteis da Sony. Pesando apenas 260g, possui a tecnologia Extra Bass, que garante graves impactantes. Está disponível nas cores azul, vermelho, preto e branco/gelo.



SRS-XB31

Com até 24 horas de autonomia de bateria, este aparelho entrega um som surpreendente com alta pressão sonora. As tecnologias Party Booster e Wireless Party Chain também estão presentes, além da certificação IPX67, que o torna à prova d'água e poeira. Também possui a tecnologia Extra Bass e luzes LED para acompanhar a batida. Está disponível nas cores vermelho e preta.



MDR-XB650BT

Parte da linha Extra Bass da Sony, o dispositivo possui a tecnologia Bass Booster, que aprimora a resposta dos graves e oferece isolamento acústico superior. Sem fios, é Bluetooth e possui um design moderno e elegante. Possui microfone integrado e bateria interna com autonomia de até 30 horas de uso contínuo. Está disponível na cor azul.



WI-SP500

Este modelo foi projetado para uso em movimento. Com design leve e simples, é confortável, discreto, seguro para usar durante a prática de esportes e possui autonomia de até oito horas e compatibilidade com assistente de voz. Possui como grande diferencial a certificação IPX4, que o torna à prova de respingos e suor. Disponível na cor preta.

PARA PRESENTEAR A SI MESMO



TVs da linha Smart e Durável – Linha W665F

Composta por Smart TVs de 50" e 43", a Série W (665F) possui resolução Full HD HDR e conta com avançados recursos de imagem, como o Motionflow XR 240, que garante nitidez aos movimentos, e a tecnologia X-Reality PRO, que realça o conteúdo e preserva cores, contraste, brilho e profundidade.

TVs da linha premium – Linha XBR X905F

Com aparelhos de 85", 75", 65" e 55", essa linha reforça o conceito 'Beyond Television', que oferece o que há de mais avançado em termos de imagem no mercado. É 4K HDR e, graças ao X-Tended Dynamic Range PRO, oferece o máximo de brilho sem distorcer os tons mais escuros.

Além disso, dispõe de todos os benefícios do sistema operacional AndroidTV, recurso X-Motion Clarity, que garante nitidez em movimento, sem prejudicar o brilho da imagem e o processador X1 Extreme, único com 14 bits e 16 vezes mais cores do que o padrão HDR.

Esses e outros produtos da coleção de Natal da Sony podem ser encontrados no site oficial da marca: <http://bit.ly/colecaonatal-sony>.



Faça um upgrade seguro no seu sistema: Escute-o corretamente!



O novo painel acústico Pererí oferece funcionalidade, eficiência e requinte.

Também desenvolvemos ressonadores, difusores customizados, absorvedores, portas acústicas, racks, pedestais, entre outras peças e dispositivos para salas de audição, estúdios e home theaters.



hi-fi e^xperience

www.hifiexperience.com.br



TOCA-DISCOS ORTOFON CENTURY ANNIVERSARY

Comemorando seu jubileu de 100 anos, a Ortofon está lançando mais um produto especial para sua linha Century, dessa vez em parceria com a empresa de toca-discos austríaca Pro-Ject Audio: o toca-discos Ortofon Century Anniversary, que tem tração por correia com comutação eletrônica entre 33 e 45 RPM e comutação mecânica para 78 RPM, vem equipado com uma cápsula Ortofon Concorde Century - cujas bobinas são de prata pura - além subprato de alumínio, clamp de metal, tapete de prato de couro e base com acabamento preto piano. O preço do toca-discos comemorativo da Ortofon é de 2.990€, na Europa.

www.project-audio.com/en

AMPLIFICADOR GOLD NOTE PA-1175 MKII

Sediada em Florença, a empresa italiana Gold Note acaba de lançar seu mais novo modelo de amplificador de potência, a versão MkII atualizada do PA-1175, power estéreo com um sistema de bias ótico e um gerador de corrente constante para prover 200 W em 8 Ohms e até 520 W operando em mono em ponte (BTL) com baixa distorção, usando 4 pares de transistores por canal. O power Gold Note PA-1175 MkII, que traz entradas tanto RCA quanto balanceadas XLR, está saindo com uma etiqueta de preço de 5.500€, na Europa.

www.goldnote.it



AMPLIFICADOR INTEGRADO PEGASO P50A

A recém lançada marca Pegaso, originária da região da Toscana, na Itália, pertence ao AF Group, que também é dono da Audio Analogue. Seu primeiro produto é o amplificador integrado valvulado P50A, equipado com quatro válvulas KT90 e drivers 6922, provendo 50 W por canal. O P50A vem com 4 entradas RCA e 2 XLR, bypass para ligação de home-theater ou uso como power, e controle remoto de metal. Com especificações como 100 kOhms de impedância de entrada e resposta de frequência de 10 Hz a 100 kHz, o integrado P50A vem com uma etiqueta de preço de 5.999€, na Europa.

www.pegasoaudio.com/en



IONIC SOUND SYSTEM DA DEEPTIME LIMITED

Com sede em Bustehrad, na República Checa, a Deeptime Limited lançou um conjunto de caixas satélite e subwoofer, com gabinetes em impressão 3D a partir de areia, com série limitada a 1618 conjuntos. O Ionic Sound System vem com satélites passivos equipados com um full-range de 3 polegadas de cone de fibra de bambu, que respondem de 75 Hz a 20 kHz, completados por um subwoofer ativo com um woofer de 5.75 polegadas, respondendo até 40 Hz, com amplificação classe D de 200 W que alimenta também os satélites. O sub vem equipado com entradas analógicas e digitais, incluindo Bluetooth. O preço do Ionic Sound System é sob consulta.

www.deeptime.limited

AMPLIFICADOR INTEGRADO AYRE ACOUSTICS EX-8

Chega ao mercado o amplificador integrado EX-8 da empresa americana Ayre Acoustics, primeiro produto de sua nova série 8. O EX-8 provê 100 W por canal em 8 Ohms, e é chamado pela empresa de 'hub' (de configuração variável) por poder vir com entradas de alta qualidade tanto analógicas quanto digitais (Ethernet, USB, AES/EBU, S/PDIF e óticas), em circuito balanceado com zero de realimentação negativa, e incluir circuito de volume com ganho variável e entrada S/PDIF assíncrona patenteada pela empresa. O integrado Ayre EX-8 em sua configuração completa, que já vem 'Roon-Ready' com Spotify, Qobuz e Tidal, tem uma etiqueta de preço estimado de US\$ 7.900, nos EUA.

www.ayre.com



CAIXAS ACÚSTICAS MAGICO M2

Expandindo sua linha M, a fabricante norte-americana de caixas acústicas Magico, com sede na California, acaba de incorporar o modelo M2, torres com 1,15 m de altura equipadas com dois woofers de 7 polegadas com cone de fibra de carbono e nanografeno, um mid-woofer de 6 polegadas de grafeno e um tweeter de domo de 28 mm de berílio coberto de diamante, tudo em um gabinete de fibra de carbono e especificações de 88 dB de sensibilidade e 4 Ohms de impedância, provendo resposta de frequência de 26 Hz a 50 kHz. A etiqueta de preço das M2 é de US\$ 56.000, o par, nos EUA.

www.magico.net



HAMILTON DE HOLANDA, BANDOLINISTA E COMPOSITOR



Christian Pruks
christian@clubedoaudio.com.br



Hamilton de Holanda

Nascido na cidade do Rio de Janeiro, Hamilton de Holanda mudou-se com um ano de idade para Brasília, onde aos cinco anos de idade começou a tocar e, aos seis anos, a apresentar-se ao público. Filho do violonista José Américo de Oliveira, que foi seu primeiro professor, adotou o bandolim aos seis anos de idade, quando formou com seu irmão, o violonista Fernando César, o duo *Dois de Ouro*. Logo entrou para a Escola de Música de Brasília no curso de violino, pois não havia professor de bandolim, e também por causa da similaridade de afinação entre os dois instrumentos.

Em 1995, Hamilton de Holanda ganhou o prêmio de melhor intérprete no II Festival de Choro do Estado do Rio de Janeiro,

assim como o segundo lugar para seu choro 'Destroçando a Macaxeira'. Três anos depois, conquistou o terceiro lugar no Prêmio Visa de MPB Instrumental e, em 2000, foi um dos destaques do Free Jazz Festival. Além da família, já tocou ao lado de músicos como Hermeto Pascoal, Zélia Duncan, André Mehmari, Marco Pereira, Marcos Ariel, Rosa Passos, entre outros. Atualmente tem seu quinteto formado por André Vasconcellos, Daniel Santiago, Gabriel Grossi e Marcio Bahia e, com o irmão, continua o duo *Dois de Ouro*. Hamilton de Holanda é bacharel em composição pela UnB - Universidade de Brasília, e já lecionou na Escola de Choro Raphael Rabello.

Como começou seu contato e descobrimento da música? Quando e como você soube que iria ser músico?

Minha família foi a porta de entrada para o universo da música. Meu pai é violonista, meu irmão toca sete cordas e meu avô também era músico, tocava trumpetete. Desde que me entendo por gente, sou músico. Acho que na barriga da minha mãe eu já fazia minhas cantorias, batucadas...

Fale-nos sobre como foram seus estudos formais e informais de música, de sua formação como artista.

Meu primeiro instrumento foi uma cornetinha de brinquedo. Com ela tirava melodias simples, de ouvido. Daí ganhei uma escaleta, e continuei tirando músicas de ouvido. Como eu era pequeno, não conseguia tocar por muito tempo, meu pulmãozinho não aguentava. Foi então que ganhei, aos cinco anos, meu primeiro bandolim (de meu avô materno). Em Brasília não havia professores de bandolim, então fui matriculado pelo meu pai na Escola de Música de Brasília. Lá estudei violino por cinco anos, e também violão. Enquanto tinha estudos formais, inclusive com um professor particular que tocava violão nas aulas comigo, frequentava as rodas de choro, que foram uma grande escola para mim. Aos 14 anos, passei a me dedicar mais ao violão (ainda na Escola de Música), abrindo a cabeça para o mundo da harmonia, dos acordes e da improvisação. Então, na infância, sempre tive contato com o estudo formal e com a informalidade da música, tocando em rodas. Aos 19 anos, entrei para a UnB e fui estudar composição. Formei-me bacharel em 2001. Desde então, passei a viajar pelo Brasil e pelo mundo apresentando minha arte brasileira, que tem um rigor no acabamento, mas que não deixa nunca de ter a improvisação como norte.

Como é ser intérprete e compositor de música no Brasil?

É matar um leão por dia. Na verdade, quando se busca um trabalho que tenha um resultado de excelência, é sempre assim.

Como se dá seu contato e o trânsito entre os vários gêneros musicais, desde o choro e a MPB, passando pelo jazz e o erudito?

É justamente pelo tipo de formação que tive, e também porque cresci em uma cidade nova, Brasília, que convive o tempo todo com vários tipos de tradição. Podemos encontrar a beleza em qualquer tipo de música.

Fale-nos sobre sua relação com a gravação, e qual é a visão sobre essa parte da vida do músico.

Olha, desde muito novo uso a gravação para o estudo. Escolhia uma música desafio e ficava gravando. Gravava, estudava e ouvia.

Só parava ou passava para a próxima quando estava satisfeita com o que ouvia. Além disso, junto com meu irmão e meu pai tínhamos um grupo de choro, o Dois de Ouro. Então, todo fim de ano, gravávamos uma fita cassete com as músicas que mais tocávamos, e dávamos de presente de Natal para amigos e familiares. Era também uma maneira de ‘ver’ a evolução. Hoje em dia não é muito diferente, só que fazemos com o olhar profissional, artístico-maduro, sempre tentando fazer o melhor, e sabendo que podemos ir além. O processo da gravação de um disco é muito prazeroso e sofrido ao mesmo tempo. É tão gostoso estar ali no estúdio, ou mesmo antes, criando e concebendo. Mas chega uma hora que é preciso desapegar e acabar o disco. E se preparar para o próximo...

Como foi tocar e gravar com o pianista e compositor André Mehmari?

O André é um grande amigo, a quem tenho uma admiração profunda. É fácil fazer música com ele porque, além do ouvido maravilhoso, tem um conhecimento de repertório como pouquíssimos, um senso estético apurado e é sempre divertido e emocionante tocar, gravar e fazer shows com ele. Tanto que já fizemos dois discos, já tocamos juntos há bastante tempo e iremos tocar mais ainda.

Tocar música é melhor em solo, duo ou conjunto?

O ‘solo’ é sempre uma descoberta para mim, mexe com minhas bases musicais, técnicas e emotivas de uma maneira muito forte, quase que avassaladora. Mas a música é social, é um momento de encontro, de reflexão, de alegria em conjunto, então, gosto mais de tocar com outro(s) músico(s), de preferência com público.

Quem são seus ídolos musicais e não musicais?

Meu grande professor é (foi) meu pai. A dedicação e a maneira como ele nos (eu e meu irmão) apresentou a música realmente definiram quem eu seria, isso para mim é o mais importante. Agora, gosto profundamente de vários músicos e não músicos, posso te listar alguns que chegam à minha cabeça agora: Milton Nascimento, Bach, Pixinguinha, Jacob do Bandolim, Debussy, Zico, Oscar Niemeyer, Hermeto Pascoal, Lúcio Costa, Astor Piazzolla, Paco de Lucia, Chick Corea e Raphael Rabello.

Como o Hamilton de Holanda vê o seu futuro?

Vejo o futuro como uma continuidade do que fiz e o que faço hoje. Vejo-me feliz com a minha família, sempre viajando pelo mundo, gravando discos, compondo, contribuindo para um País melhor, um mundo melhor, encontrando novos e velhos parceiros musicais, nunca esquecendo a poesia da vida. É isso.



ASSISTA AO VÍDEO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=GLC37Ei6ZA0](https://www.youtube.com/watch?v=GLC37Ei6ZA0)

OUVINDO ALGO DIFERENTE: KRONOS QUARTET - PIECES OF AFRICA



Christian Pruks
christian@clubedoaudio.com.br

Pelas minhas ‘andanças’ internéticas, o que considero mais comum entre os audiófilos que também são melômanos é uma busca musical mais conservadora, mais tradicional. Mesmo, por exemplo, entre os fãs de jazz mais ferrenhos, vejo mais eles ouvindo o repertório consagrado de obras e intérpretes do que procurando coisas novas. Alternam isso um pouco com a discoteca que fez suas juventudes, de maneira um tanto saudosista. Bom, eu também sou saudosista - e bastante até. Acho que todos somos, com algo que toca tanto nossa alma, como é a música.

O tradicionalismo musical é algo que enxergo em todos os lugares, hoje em dia. Orquestras sinfônicas, por exemplo, tendem a programar-se anualmente mais pela repetição do tradicional do que pela inovação, do que procurar a educação de seus ouvintes provocando a expansão

de repertório, o conhecimento de música pouco ouvida. Mesmo quando procuro ouvir um jazz trio, quarteto ou quinteto, frequentemente me vejo experimentando novos intérpretes, novos grupos europeus ou multinacionais que inovem um pouco na linguagem e na apresentação, ou mesmo que misturam música de outros gêneros e culturas como faz o músico tunisiano Dhafer Youssef com seu maravilhoso Birds Requiem (assunto para outra matéria).

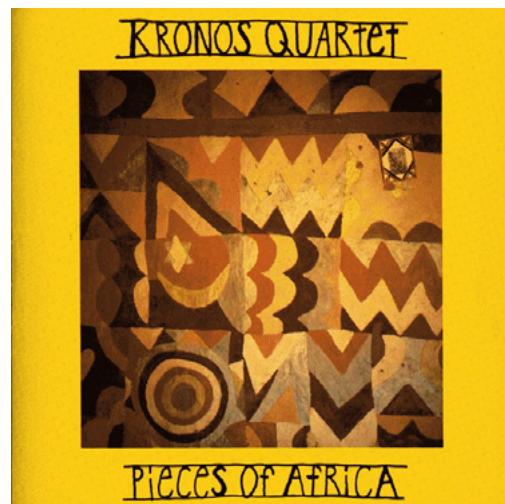
Mas a audição ‘diferente’ desta semana ficou à cargo do disco *Pieces of Africa*, do quarteto de cordas americano Kronos Quartet. Com mais de 40 anos de carreira, o Kronos foi fundado pelo violinista David Harrington em 1973, na cidade de Seattle, nos EUA. Harrington é o único membro que permaneceu desde a fundação, sendo que 11 músicos já passaram por sua formação, até o momento. Com uma discografia de ➤

mais de 50 títulos - além de numerosas participações - o Kronos sempre dedicou-se mais à 'música nova' do que ao repertório comum, à composições contemporâneas e pouco tocadas, ao flerte com gêneros mais populares, à parcerias com músicos como Philip Glass, à música immortal do argentino Astor Piazzolla e, no caso do meu deleite desta semana: obras para quarteto de cordas de sete compositores contemporâneos africanos, como While the Earth Sleeps do compositor e pianista sul-africano Kevin Volans, e a obra Ekitundu Ekisooka do compositor ugandense de música clássica contemporânea Justinian Tamusuza.

Mas o destaque deste disco, na minha opinião, fica para a belíssima e eterna Escalay - que significa 'Roda d'Água' - do egípcio Hamza El Din (1929-2006), que era especialista em percussões africanas e no domínio do Oud, um instrumento de corda de origem árabe, da família dos alaúdes. Curiosamente, El Din foi educado como engenheiro eletricista, sendo funcionário por muitos anos da Ferrovia Nacional Egípcia. Em algum ponto de sua carreira de engenheiro, El Din ingressou nos estudos de música na Universidade do Cairo, continuando-os na Accademia Nazionale di Santa Cecilia, em Roma e, depois, especialização em música do oriente médio no King Fouad Institute of Middle Eastern Music, também no Cairo. (Nota mental: procurar conhecer mais da música de Hamza El Din).

Apesar da temática, o disco *Pieces of Africa* é bem acessível em sua complexidade musical. Tenho certeza que agradará múltiplos audiófilos - por sua qualidade de gravação e captação excelentes de uma instrumentação toda acústica - e agradará os melómanos pela beleza da música!

Boas audições!



Para quem deseja extrair o melhor do seu sistema analógico.

A AAM presta consultorias em áudio e é especializada em instalação e ajustes de equipamentos analógicos - toca-discos e gravadores open reel.

andremalteze@yahoo.com.br - (11) 99611.2257



FATOS E ARGUMENTOS



Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Depois de tratar de dois assuntos espinhosos como a metodologia da CAVI e o elo fraco, acredito que o próximo passo seja abordar outro tema que é de enorme valia para muitos dos nossos leitores que não moram nos grandes centros e encontram muita dificuldade para ajustar seus sistemas e fazer upgrades: a escolha de gravações confiáveis para a montagem do sistema. Outra velha discussão no mercado hi-end é que só gravações ‘audiófilas’ devem ser utilizadas para avaliação e montagem de um sistema! O problema é que inúmeras dessas gravações tecnicamente bem feitas são sofríveis artisticamente. Conheço muitas dessas ‘aberrações’ que são utilizadas em inúmeras salas de áudio shows todos os anos pelo mundo afora! Quem já não se impressionou nesses eventos com apresentações de mini monitores que possuem um grave encorpado, grandioso e que, ao tocar gravações não turbinadas, não possuem o mesmo desempenho?

Lembro-me de que, quando escutei pela primeira vez o contrabaixista Brian Bromberg tocando Come Together, foi em um mini monitor e achei, como todos que estavam presentes na audição, ter descoberto a primeira monitor bookshelf que havia burlado as leis da física! Com muito jeito, pedi

no último dia do evento para escutar uma gravação do contrabaixista Ron Carter que utilizo há muitos anos (por outros motivos), e o mini monitor mostrou claramente suas limitações, por não possuir a última oitava e meia embaixo! Este ‘truque’ com gravações turbinadas pode servir para vender sistemas ou para impressionar amigos que nunca ouviram um sistema hi-end, mas é como uma boa piada, que morremos de rir na primeira vez que a escutamos e que na décima quarta vez não tem a menor graça!

Cada um faz o que bem entender com o seu dinheiro, nos meus cinqüenta e cinco anos de vida conheci todo o tipo de audiófilo, desde aquele que escutava apenas dois a três minutos de oito discos, ao que usava uma gravação de pratos e copos quebrando para escolher suas caixas acústicas! Mas, para a grande maioria dos nossos leitores, o desejo de montar um bom sistema hi-end felizmente ainda é para ouvir com prazer redobrado seus discos preferidos.

Como os equipamentos de áudio evoluíram muito nos últimos sete anos, agora é possível escolher produtos que terão uma boa performance, mesmo em gravações tecnicamente limitadas. Sistemas bem ajustados e sinér-

gicos possuem uma ‘folga’ que permite em volumes corretos ouvir gravações mais comprimidas ou levemente equalizadas. O problema é descobrir se o nosso sistema possui essa ‘folga’ ou não.

Esse artigo tem por objetivo indicar algumas gravações que poderão ajudá-lo no ‘diagnóstico’ do seu sistema, com algumas dicas do que pode estar faltando nele. Só peço que, aos que tiverem a coragem de realizar o teste, não nos responsabilizem ou saiam pela ‘tangente’ com o velho hábito de culpar as gravações, pois elas, amigo leitor, tocam magistralmente bem em sistemas corretos! Como a lista é grande, selecionei as gravações pelos quesitos de nossa metodologia. Como muitos já sabem, o quesito mais importante é o equilíbrio tonal: só ele representa 25% do acerto ou erro no ajuste de todo o sistema; assim, nada mais correto do que iniciar essa série de artigos pelo quesito mais importante! Evitei utilizar gravações audiôfilas (mesmo as que possuem excelente qualidade artística), selecionando apenas gravações ‘comerciais’ que podem ser facilmente encontradas no mercado.

Para facilitar o trabalho do leitor na avaliação de seu sistema, primeiro eu apresento as características da gravação e o que deve ser ouvido, e por fim coloco os erros que o sistema não deve apresentar. Espero estar contribuindo de maneira eficaz no ajuste dos sistemas de muitos dos nossos leitores! Quando uma gravação soa ruim em um sistema de alguns milhares de dólares, a resposta que temos sempre é de que a gravação não está ‘à altura’ dele! O que tenho que lembrar a todos que desejam realizar o teste é que todas as gravações indicadas soam corretas em qualquer sistema categoria Diamante Recomendado, desde que ele esteja devidamente sínérgeo e ajustado; não é possível que uma gravação tecnicamente ruim ou incorreta soe bem em determinados sistemas! Para a avaliação, o ideal é que o volume esteja ajustado entre 78 e 86 dB para uma audição mais confortável, e o ruído externo tem que estar abaixo de 50 dB! Vamos aos exemplos para a avaliação da reprodução dos agudos:



1- JULIA FISCHER - PAGANINI 24 CAPRICES (GRAVADORA DECCA)

Esta gravação ganhou inúmeros prêmios internacionais e é um exemplo ‘categórico’ para a avaliação do equilíbrio tonal nas altas

frequências! Indico as cinco primeiras faixas. Ouça-as e escolha a faixa que deseja trabalhar. O violino, mesmo no extremo da oitava superior, não soa estridente, duro ou sujo! É possível ouvir cada nota sem a menor sensação de desconforto ou fadiga! Caso isso não ocorra no seu sistema, certamente será necessário uma verificação no cabeamento de caixa e de interconexão, ou até mesmo uma reavaliação da qualidade das altas frequências de suas caixas e, principalmente, da instalação elétrica e acústica da sala. Já vi essa gravação destruir a reputação de caixas e cabos de alguns milhares de dólares!



2- DIANE SCHUUR - LOVE WALKED IN (GRAVADORA GRP)

Esse disco é utilizado nos testes da CAVI desde 1996. É outro disco que não faz ‘réfens’: ou o sistema está pronto para reproduzi-lo corretamente ou sobrará brilho, com espirros nas altas frequências para todos os lados. Para mim, os exemplos mais matadores são as faixas 2 e 4. Na faixa 2, o solo de saxofone pode colocar em sérios apuros sistemas que tendem a puxar no brilho, e na faixa 4, o solo de piano na última oitava não pode soar como se fosse um piano de vidro; nem o solo de saxofone ou de piano possui o menor resquício de dureza ou brilho! Já vi em inúmeros sistemas o piano soar absolutamente de forma irreconhecível, sem o feltro e a velocidade correta (transientes). Caso ao passar este CD em seu sistema algum desses problemas ocorra, verifique os cabos, a fonte digital das caixas e a instalação elétrica.



3- PAGANINI - LA CAMPANELLA - VIOLINISTA PHILIPPE QUINT - PIANISTA DMITRIY COGAN (GRAVADORA NAXOS)

Eis outra gravação que não faz ‘réfens’: ou toca magistralmente ou então aponta com precisão todos os defeitos existentes no equilíbrio ➤

tonal do sistema! Utilizo geralmente nas minhas avaliações as faixas 1 e 4. Com elas é possível fazer um diagnóstico seguro não só do equilíbrio tonal nas altas frequências, como também uma avaliação do palco sonoro (posição do violino e do piano), do corpo harmônico (tamanho do piano e do violino) e das texturas! Na faixa 1, por volta de quatro minutos e cinquenta segundos, tanto o violino como o piano estão tocando na última oitava, o que coloca em ‘xeque’ todo o sistema; no ajuste correto do equilíbrio tonal é simplesmente um deleite escutar os dois instrumentos se comunicando. Agora, se o sistema estiver incorreto, a única vontade que dá é abaixar o volume imediatamente! A faixa 4 é outro desafio, pois o violino não pode soar sujo e nem agressivo! Se o seu sistema não passar no teste, comece por reavaliar a fonte digital (ou o cabo de força), os cabos de interconexão, de caixa, a instalação elétrica e por último as caixas acústicas.



5- DAVE HOLLAND BIG BAND - WHAT GOES AROUND (GRAVADORA ECM)

Eis uma gravação perfeita para a avaliação do equilíbrio tonal, como também para macro e microdinâmica! Na avaliação do equilíbrio tonal, utilize as faixas 3, 4 e 6. O naipe de metais e os solos nos dão uma ideia segura da qualidade dos agudos de nossos sistemas, assim como no outro extremo o contrabaixo de Dave Holland é um exemplo seguro para a avaliação de corpo, peso, articulação e velocidade dos graves! Na faixa 3, na segunda parte do tema em que a música muda de andamento e o contrabaixo junto com a bateria ganha destaque, fique atento no contraste entre o extremo agudo (do naipe de metais) e a cozinha (baixo e bateria), que tem que ter peso e não ser ‘engolida’ pelos metais! Geralmente em sistemas desequilibrados a cozinha fica sumindo e aparecendo por detrás dos metais e dos solos dos instrumentos de sopro (algo que evidencia problemas auditivamente). Caso isso ocorra em seu sistema, sugiro repensar desde o reposicionamento das caixas na sala (para se conseguir uma melhor resposta nos graves), como também uma reavaliação da eletrônica, dos cabos, da elétrica e acústica.



4- PIAZZOLLA - SINFONIA BUENOS AIRES (GRAVADORA NAXOS)

O material para a avaliação do equilíbrio tonal presente neste disco é tão abundante que afirmo que se a grana estiver curta, este deve ser o primeiro disco a ser utilizado! Geralmente utilizo as faixas 7, 8, 9 e 10. Aviso a todos que a reprodução correta do violino da talentosa chinesa Tianwa Yang é para sistemas impecavelmente ajustados! Qualquer vacilo, e algumas (ou muitas) ‘arestas’ serão esfregadas em nossos ouvidos! Mas quando o sistema está preparado, a audição deste disco é um verdadeiro acontecimento! É de nos emocionarmos com o arranjo para violino e orquestra de cordas das Quatro Estações Portenhelas, uma das obras mais executadas e amadas de Astor Piazzolla! Caso a reprodução seja deficiente (o violino soe agressivo, duro e estridente), você terá um longo caminho a percorrer. Comece pela reavaliação dos cabos, da elétrica, da acústica e por fim de toda a eletrônica!



OUÇA DIRETAMENTE DO SPOTIFY,
O CD PIAZZOLLA - SINFONIA BUENOS AIRES



OUÇA DIRETAMENTE DO SPOTIFY, O
CD DAVE HOLLAND BIG BAND - WHAT
GOES AROUND



6- WYNTON MARSALIS - THE VILLAGE VANGUARD (GRAVADORA COLUMBIA)

Como diria meu pai, ‘Esse exemplo é só para cachorro grande!’ Nem perca seu tempo em escutá-lo no seu sistema, amigo leitor, se você já detectou problemas no equilíbrio tonal dele! Agora, se o seu sistema

passou com méritos em todos os exemplos anteriores com folga, faça a prova dos nove! Imagine uma gravação do Wynton Marsalis ao vivo, e ele a plenos pulmões fazendo um solo de quase cinco minutos com surdina! Consegue imaginar? Pois é esse exemplo que lhe dou: a faixa 10 para avaliar totalmente o equilíbrio tonal do seu sistema! Claro que não há como o trompete não estar no limite entre o duro e o aceitável! E é assim mesmo que ele terá que soar, naquela faixa limítrofe, sem hesitar! Mas se o seu sistema em volumes de 85 dB tocar essa faixa e sua vontade for a de se esparramar na poltrona, ouvindo inequivocavelmente a performance do sexteto que estava em noite para lá de inspirada, parabéns, seu sistema passou com honra ao mérito no quesito equilíbrio tonal! Agora, se ao ouvir o primeiro minuto do solo do Wynton e o seu desejo tiver sido o de pular pela janela, ou falar mal de mim por tê-lo feito descobrir que o seu sistema não 'chegou lá', dou-lhe duas opções: esqueça tudo isso e vá dormir, ou então, arregasse as mangas e faça todo o seu investimento valer integralmente a pena! E se precisar de uma ajuda, saiba que pode contar conosco!

Só peço a todos que leram este artigo e que desejam realizar os testes para que se lembrem que com essas gravações não dá para se 'esconder', atacando-as e dizendo serem ruins tecnicamente ou inadequadas para a reprodução em sistemas hi-end! Isso não será possível, pois todas elas tocam impecavelmente em sistemas corretos. E como diz o ditado popular, 'Contra fatos não há argumentos'. No próximo mês, indicaremos gravações para o ajuste dos graves. ■

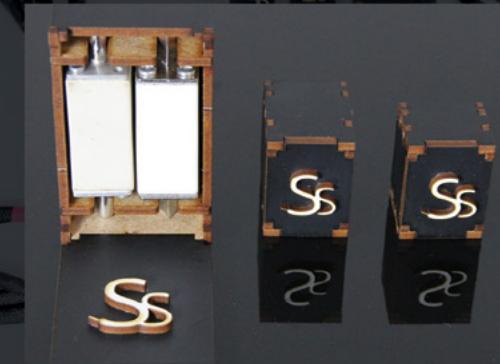


OUÇA DIRETAMENTE DO SPOTIFY, O
CD WYNTON MARSALIS - THE VILLAGE
VANGUARD

Ss

Sax Soul Cables

Extraia todo o potencial do seu sistema.





RANKING DE TESTES DA ÁUDIO VÍDEO MAGAZINE

Apresentamos aqui o ranking atualizado dos produtos selecionados que foram analisados por nossa metodologia nos últimos anos, ordenados pelas maiores notas totais. Todos os produtos listados continuam em linha no exterior e/ou sendo distribuídos no Brasil.

AUDIO
VIDEO
MAGAZINE

TOP 5 - AMPLIFICADORES INTEGRADOS

Hegel H360 - 95 pontos (Estado da Arte) - Mediagear - Ed.235
Aavik U-300 - 94 pontos (Estado da Arte) - Som Maior - Ed.220
Luxman L-590AX MKII - 93 pontos (Estado da Arte) - Alpha Áudio e Vídeo - Ed.229
Mark Levinson Nº585 - 93 pontos (Estado da Arte) - AV Group - Ed.221
Sunrise Lab V8 MK4 - 92,5 pontos (Estado da Arte) - Sunrise Lab - Ed.234

TOP 5 - PRÉ-AMPLIFICADORES

CH Precision L1 - 104 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.239
D'Agostino Momentum - 100 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.198
Audio Research Ref 6 - 98 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.243
Luxman C-900U - 98 pontos (Estado da Arte) - Alpha Áudio e Vídeo - Ed.232
Mark Levinson Nº526 - 98 pontos (Estado da Arte) - AV Group - Ed.228

TOP 5 - AMPLIFICADORES DE POTÊNCIA

CH Precision M1 - 106 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.238
Goldmund Telos 2500 - 104 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.200
Hegel H30 - 99 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.210
D'Agostino Momentum - 99 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.185
PS Audio BHK Signature 300 - 98,5 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.224

TOP 5 - PRÉ-AMPLIFICADORES DE PHONO

Tom Evans The Groove+ - 100 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.204
Pass Labs XP-25 - 95 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.170
Esoteric E-03 - 92 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.198
Tom Evans The Groove 20th Anniversary - 91 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.185
VTL TP 6.5 Signature - 89 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.156

TOP 5 - FONTES DIGITAIS

dCS Scarlatti - 100 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.183
Mark Levinson Nº519 - 99 pontos (Estado da Arte) - AV Group - Ed.230
dCS Rossini - 94 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed. 226
Luxman D-08u - 91 pontos (Estado da Arte) - Alpha Áudio & Video - Ed.213
dCS Paganini - 90 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.131

TOP 5 - TOCA-DISCOS DE VINIL

Basis Debut - 104 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.196
Transrotor Rondino - 103 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.186
Dr Feickert Blackbird (braço: Reed 3Q) - 95 pontos (Estado da Arte) - Maison de La Musique - Ed.199
AMG Viella V12 - 95 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.189
Transrotor Apollon - 95 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.167

TOP 5 - CÁPSULAS DE PHONO

MY Sonic Lab Ultra Eminent EX - 105 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.202
Air Tight PC-1 Supreme - 105 pontos (Estado da Arte) - Alpha Audio & Video - Ed.196
Cápsula MC Murasaki Sumile - 103 pontos (Estado da Arte) - KW Hi-Fi - Ed. 245
vdH The Crimson SE - 99 pontos (Estado da Arte) - Rivergate - Ed.212
Benz LP-S - 97 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.174

TOP 5 - CAIXAS ACÚSTICAS

Wilson Audio Alexandria XLF - 104 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.200
Evolution Acoustics MMThree - 100 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.176
Kharma Exquisite Midi - 99 pontos (Estado da Arte) - Maison de La Musique - Ed.198
Dynaudio Evidence Platinum - 99 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.193
Revel Ultima Salon 2 - 98,5 pontos (Estado da Arte) - AV Group - Ed.229

TOP 5 - CABOS DE CAIXA

Transparent Audio Reference XL G5 - 103,5 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.231
Crystal Cable Absolute Dream - 103 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.205
Sunrise Lab Reference Quintessence Magic Scope - 101 pontos (Estado da Arte) - Sunrise Lab - Ed.240
Sax Soul Ágata - 100 pontos (Estado da Arte) - Sax Soul Cables - Ed.228
Sunrise Lab Reference Magic Scope - 95 pontos (Estado da Arte) - Sunrise Lab - Ed.236

TOP 5 - CABOS DE INTERCONEXÃO

Transparent Opus G5 XLR - 105 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.214
Sunrise Lab Quintessence - 102 pontos (Estado da Arte) - Sunrise Lab - Ed.244
van den Hul CNT - 100 pontos (Estado da Arte) - Rivergate - Ed.211
Timeless Guarneri - 99 pontos (Estado da Arte) - Timeless Audio - Ed. 243
Sax Soul Agata - 99 pontos (Estado da Arte) - Sax Soul Cables - Ed.217



METODOLOGIA DE TESTES



ASSISTA AO VÍDEO DO SISTEMA CAVI, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=ZMBQFU7E-LC](https://www.youtube.com/watch?v=ZMBQFU7E-LC)



GUIA BÁSICO PARA A METODOLOGIA DE TESTES

Para a avaliação da qualidade sonora de equipamentos de áudio, a Áudio Vídeo Magazine utiliza-se de alguns pré-requisitos - como salas com boa acústica, correto posicionamento das caixas acústicas, instalação elétrica dedicada, gravações de alta qualidade, entre outros - além de uma série de critérios que quantificamos a fim de estabelecer uma nota e uma classificação para cada equipamento analisado. Segue uma visão geral de cada critério:

EQUILÍBRIO TONAL

Estabelece se não há deficiências no equilíbrio entre graves, médios e agudos, procurando um resultado sonoro mais próximo da referência: o som real dos instrumentos acústicos, tanto em resposta de frequência como em qualidade tímbrica e coerência. Um agudo mais brilhante do que normalmente o instrumento real é, por exemplo, pode ser sinal de qualidade inferior.

PALCO SONORO

Um bom equipamento, seguindo os pré-requisitos citados acima, provê uma ilusão de palco como se o ouvinte estivesse presente à gravação ou apresentação ao vivo. Aqui se avalia a qualidade dessa ilusão, quanto à localização dos instrumentos, foco, descongestionamento, ambientes, entre outros.

TEXTURA

Cada instrumento, e a interação harmônica entre todos que estão tocando em uma peça musical, tem uma série de detalhes e complementos sonoros ao seu timbre e suas particularidades. Uma boa analogia para perceber as texturas é pensar em uma fotografia, se os detalhes estão ou não presentes, e quão nítida ela é.

TRANSIENTES

É o tempo entre a saída e o decaimento (extinção) de um som, visto pela ótica da velocidade, precisão, ataque e intencionalidade. Um bom exemplo para se avaliar a qualidade da resposta de transientes de um sistema é ouvindo piano, por exemplo, ou percussão, onde um equipamento melhor deixará mais clara e nítida a diferença de intencionalidade do músico entre cada batida em uma percussão ou tecla de piano.

DINÂMICA

É o contraste e a variação entre o som mais baixo e suave de um acontecimento musical, e o som mais alto do mesmo acontecimento. A dinâmica pode ser percebida até em volumes mais baixos. Um bom exemplo é, ao ouvir um som de uma TV, durante um filme, perceber que o bater de uma porta ou o tiro de um canhão têm intensidades muito próximas, fora da realidade - é um som comprimido e, portanto, com pouquíssima variação dinâmica.

CORPO HARMÔNICO

É o que denomina o tamanho dos instrumentos na reprodução eletrônica, em comparação com o acontecimento musical na vida real. Um instrumento pode parecer 'pequeno' quando reproduzido por um devido equipamento, denotando pobreza harmônica, e pode até parecer muito maior que a vida real, parecendo que um vocalista ou instrumentista sejam gigantes.

ORGANICIDADE

É a capacidade de um acontecimento musical, reproduzido eletronicamente, ser percebido como real, ou o mais próximo disso - é a sensação de 'estar lá'. Um dos dois conceitos subjetivos de nossa metodologia, e o mais dependente do ouvinte ter experiência com música acústica (e não amplificada) sendo reproduzida ao vivo - como em um concerto de música clássica ou apresentação de jazz, por exemplo.

MUSICALIDADE

É o segundo conceito subjetivo, e necessita que o ouvinte tenha sensibilidade, intimidade e conhecimento de música acima da média. Seria uma forma subjetiva de se analisar a organicidade, sendo ambos conceitos que raramente têm notas divergentes.

TESTE
1
AUDIO



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=JMUY7EGZQQ0](https://www.youtube.com/watch?v=JMUY7EGZQQ0)



PS AUDIO STELLAR GAIN CELL DAC

 Juan Lourenço
revista@clubedoaudio.com.br

A German Audio trouxe para o Brasil uma excelente novidade, tanto para os amantes do áudio digital quanto do analógico. Trata-se do Stellar Gain Cell DAC, da PS AUDIO.

Quando li no site da PS Audio a descrição do novo DAC da linha Stellar confesso, amigo leitor, que fiquei confuso, procurando por onde começar o texto, pois se tratava de um aparelho realmente fora da curva por muitas razões. Após divagar por um tempo sobre qual seria a melhor definição para ele, me veio à mente a icônica frase dos quadrinhos do Superman: “É um pássaro? É um avião? Não. É o PS Audio Stellar Gain Cell DAC!”

Seria este um DAC (conversor de áudio digital para analógico) com superpoderes de pré-amplificador? Ou um pré-amplificador com superpoderes de DAC? Um pré-amplificador e DAC com superpoderes de amplificador de fone de ouvido? Ou um amplificador para fone de ouvido com superpoderes de pré-amplificador e DAC? Eu ainda não sei, mas parece-me que estas divagações também

permearam as cabeças da turma de marketing da PS Audio, pois no site o aparelho se encontra na sessão de DACs, mas na descrição na foto do site é chamado de pré-amplificador, ou seja, jogaram a peteca para nós consumidores decidirmos o que queremos que ele seja. Mas não se desespere, a PS Audio adicionou em seu site a seguinte frase, como pista para os confusos de plantão, como eu (risos): “Pense no Stellar Gain Cell DAC como um centro de controle analógico completo, com um DAC excepcional em seu coração.” Fica a dica...

Eu fiquei com a frase do Superman na cabeça, porque não dá para se ter uma definição clara do que ele realmente é. São três aparelhos em um, e todos desempenham suas funções com extrema competência. Tanto que, chamá-lo simplesmente de DAC chega a ser um crime com o cuidado que a PS Audio teve em cada parte deste belo sistema, abordando cada desafio inerente a cada uma das três facetas do aparelho, como se fosse um só! Por exemplo,

se quisermos começar pelo DAC, veremos ótimas soluções na parte digital, a começar pelas entradas de áudio digitais: uma entrada USB para PCM (384kHz), DSD64 (DoP) e DSD128 (DoP), uma entrada ótica PCM (96kHz), uma entrada dupla coaxial digital PCM (192kHz), e uma entrada I2S padrão HDMI 1 PCM (384kHz), DSD64 e DSD128 compatível com o DirectStream Transport SACD para reprodução de DSD nativo sem qualquer tipo de alteração no sinal.

O DAC Stellar utiliza o chip FPGA Lattice, da Digital Lens, que basicamente analisa a integridade do sinal, diminui o jitter e passa o sinal digital para o chip ES9010K2M SABRE, que faz a conversão de digital para analógico.

Na parte analógica, as coisas ficam ainda mais interessantes. Temos três entradas RCA e uma balanceada XLR que são suficientes para ligar qualquer transporte como toca-discos através de um pré de phono externo, CD-Player ou ligar o sistema multicanal. Uma saída RCA, uma balanceada XLR e, no painel frontal, próximo ao mostrador, um conector para headphone de 1/4. O controle de volume da sessão de pré-amplificação é totalmente analógico, utiliza uma tecnologia proprietária desenvolvida pelo próprio Paul McGowan, fundador e CEO da PS Audio nos anos 2000. O nível de saída do pré é totalmente平衡ado, controlado por duas células de ganho (uma para cada canal), ligadas diretamente ao botão de volume - estas células são responsáveis por fornecer os níveis de ganho do sinal, fazendo com que qualquer movimento no botão resulte em um ganho de sinal mais estável e limpo na saída.

O gabinete do Stellar GCD é produzido inteiramente na fábrica da PS Audio, e é construído com uma espessura de alumínio que impressiona! Tudo em nome da contenção das vibrações que tanto nos atormentam. Suas medidas são generosas para acomodar a fartura de entradas e saídas: seu tamanho (43 x 34 centímetros) é condizente com a sua proposta de ser um três-em-um robusto, feito para audiófilos.

A tampa superior se encontra com a inferior na parte frontal do gabinete, formando uma linha escura e profunda que percorre toda a frente, expandindo apenas para acomodar o mostrador OLED azul. Ao lado da tela, um discreto botão de seleção e, no outro, o knob de volume.

O acabamento do gabinete é texturizado com duas opções de cores: a cor tradicional prata e o preto. O controle remoto é bastante completo e funcional, ergonômico e leve. O que não gostei é que os botões de entradas e saídas estão identificados por números, que também estão identificados assim no painel traseiro do aparelho. Por exemplo, o número oito representa o coaxial. É um jeito novo de fazer, que talvez seja melhor, mas eu não achei.

COMO TOCA

Para o teste utilizamos os seguintes produtos e acessórios. Fontes: toca-discos de vinil Reloop TURN5 com cápsula 2M Red, 2M Bronze e Quintet Black + Pré de phono The Phonostage II SE, Notebook HP i7 "modado" (+ SSD, Windows 7, Roon Server + HQ Player), CD-Player Luxman D-06, DAC Hegel HD30. Amplificação: Hegel H300, Sunrise Lab V8 MkIV, integrado Anthem STR. Cabos de força: Transparent MM 2, Kubala Sosna Elation, Sunrise Reference Magic Scope. Cabos de interconexão: Crystal Cable Absolute Dream XLR, Sunrise Lab Reference Magic Scope RCA e Coaxial digital, Sunrise Lab Quintessence RCA e Coaxial digital, Sax Soul Cables Zafira III XLR, TotalDAC d1 USB, Sax Soul Zafira III USB. Cabos de caixa: Argento Flow, Transparent Reference XL e Sunrise Lab Quintessence Magic Scope. Caixas acústicas: Dynaudio Confidence C4 Signature, Neat Ultimatum XL6, Dynaudio Emit M30. Fone de ouvido: Sennheiser HD-700.

O Stellar Gain Cell DAC é muito gostoso de ouvir. Por causa da sua topologia totalmente balanceada e sua parte analógica muito bem resolvida, ele não dá trabalho com acerto. Todas as fontes, e cabos que foram adicionados a ele, tocaram muito bem, mostrando



assinaturas próprias dos respectivos produtos, demonstrando que se tratava de um aparelho neutro com ótimo refinamento.

Começamos os trabalhos com Bozzio Levin Stevens, disco Black Light Syndrome, faixa 3. Uma música pauleira para qualquer sistema, e para este pré com poderes de DAC ainda mais pois seu calvário seria dobrado! Devo dizer que fiquei duplamente surpreendido, pois a combinação do digital com o pré analógico ficou muito boa, o tempero entre musicalidade e pegada do pré classe A com a clareza nas altas do DAC digital, fica muito bom!

O violão ficou rápido e bastante musical, e a bateria então, nem se fala... os timbres são muito bons. Como DAC, soava levemente aberto para o meu gosto pessoal, mas com certeza existe uma legião de audiófilos que irão adorar esta característica.

No disco da Patricia Barber, Companion, faixas 1 e 2, percebe-se uma excelente formação de palco, com bastante holografia, o contrabaixo tem ótima extensão, tudo é muito agradável, mas fiquei com aquela sensação de que o som puxava para o lado digital quando pelo DAC. Via pré-amp não, soava lindamente! Palmas da platéia, órgão eletrônico e a percussão soavam muito próximo do ideal, mas ainda não tanto quanto achava que poderia. Foi então que decidi trocar o Transparent de força pelo Sunrise Reference Magic Scope. Melhorou muito! É comum de acontecer do Transparent não encaixar muito bem com digitais fora da sua faixa de pontuação - ele é mais crítico no casamento com alguns equipamentos, não são todos que ele abraça e acolhe. Já com o Rerefence Magic Scope o casamento foi muito bom, as altas ganharam corpo e os graves, extensão e ótimo decaimento. O mesmo aconteceu utilizando o Kubala Elation de força. Ele deu uma "adocicada" no som, ganhou nuances e calor na medida certa para o DAC.

Já com cabos de interconexão, o Stellar GCD mostrou enorme compatibilidade com todos os cabos utilizados, mostrando as características sônicas de cada cabo com muita sinergia, atestando o seu alto grau de refinamento e neutralidade. Outra boa surpresa foi perceber o quanto ele casa bem com amplificadores de características tão diferentes. Tirando a minha rabugice com o integrado Anthem por ter uma sonoridade complexa, a compatibilidade com Hege H300, Sunrise Lab V8 e Anthem foi muito boa. Tanto que o Anthem, que tem fortes semelhanças sônicas com o Stellar GCD, se beneficiou enormemente do seu pré e do DAC. Suas semelhanças não se amontoaram nem mexeram na balança do equilíbrio tonal. Isto foi uma surpresa para mim, pois estava receoso desta combinação. Ele trouxe, por exemplo, macro-dinâmica melhor e maior extensão nos extremos, palco mais largo e mais profundo, ao Anthem.

Agora, a maior surpresa mesmo foi ouvi-lo como amplificador de fone de ouvido. Para os amantes do headphone, sugiro fortemente

que escutem o Stellar Gain Cell DAC. Se ele é bom como DAC e como pré-amplificador, empurrando fones de ouvido ele é simplesmente maravilhoso! Tenho certeza que, se colocar este DAC com seu headphone, as chances de aposentar o amplificador dedicado para fone de ouvido é muito grande. Mesmo porque poucos amplificadores de fone de ouvido chegam nesta pontuação por este preço, que ainda leva de brinde toda a conveniência do pré e DAC.

Ele comandou o Sennheiser HD 700 com maestria, controlando cada excursão do fone, grandes massas sonoras como as contidas em muitas músicas eruditas e big bands. Ele demonstrou ser autoritário, e ao mesmo tempo bastante condescendente com gravações difíceis, trazendo um enorme conforto auditivo, diminuindo a fadiga pelo uso do fone.

Não tinha gênero musical que ele não tocasse com muita desenvoltura e fidelidade. Claro que as músicas pedreiras como Joe Zawinul Brown Street, disco 2 faixa 1, e Rachelle Ferrell Live in Montreaux faixa 10, e outros, ele suava para entregar as passagens difíceis, mas entregava e com ótima pegada, sempre com folga e boa pegada. Os trabalhos de prato, peles de bateria e percussão, e de piano, ficaram simplesmente maravilhosos. É sem dúvida a melhor parte deste equipamento!

CONCLUSÃO

O Stellar Gain Cell DAC faz parte desta nova geração de produtos 'tudo em um', mas com certeza ele sai muito na frente de seus concorrentes porque foi pensado não como um 'tudo em um', mas sim como um 'três em um'. Três aparelhos distintos com desafios de projeto diferentes mas que, no final, são equivalentes em qualidade. Se você procura enxugar o seu sistema, reduzindo o número de cabos de força e interconexões e abrindo espaço na prateleira, sugiro que ouça o Stellar Gain Cell DAC e comprove por si mesmo o quão versátil e poderoso ele é.

PONTOS POSITIVOS

Construção minimalista, tanto no design externo quanto no caminho do sinal. Tela do visor OLED. Menu de fácil operação. Alta compatibilidade com cabos de força e interligação. Boa quantidade de entradas e saídas.

PONTOS NEGATIVOS

Controle remoto possui números ao invés de indicar o nome das entradas e saídas.

ESPECIFICAÇÕES

Alimentação	120 VAC ou 230 VAC (50 ou 60 Hz) de fábrica
Consumo	20 W
Fusíveis	120 V (1.6 A Slow Blow) 230 V (1.0 A Slow Blow)
Entradas analógicas	3 RCA / 1 XLR
Entrada I2S	1 PCM (384kHz max), DSD64 e DSD128, compatível com DirectStream Transport SACD para reprodução de DSD
Entradas Coaxiais	2 PCM (192KHz max)
Entrada Ótica	1 PCM (96Khz max)
Entrada USB	- PCM (384KHz max) - DSD64 (DoP) DSD128 (DoP)
Formatos	PCM, DSD
Saídas Analógicas	1 RCA, 1 XLR, 1 para fones de ouvido (1/4)
Ganho	12 dB +/-0.5 dB
Saída máxima	20 Vrms
Sensibilidade	5.3 Vrms
Impedância de entrada	- 47 KΩ RCA - 100 KΩ XLR
Impedância de saída	- 100Ω RCA - 200Ω XLR
Resposta de frequência	- 20 Hz a 20 KHz (+/- 0.25 dB) - 10 Hz a 100 KHz (+0.1/-3.0 dB)
Ruído	20 a 20 KHz (< -90 dBV)
Relação sinal / ruído	1 KHz > 110 dB
Separação de canais	1 KHz > 90 dB
Separação de entradas	1 KHz > 90 dB

ESPECIFICAÇÕES

Distorção harmônica e por intermodulação	1 KHz < 0.025 % 20-20 KHz < 0.05 %
Saída para fones de ouvido	300 Ω / 300 mW 16 Ω / 3.25 W
Relação sinal/ruído para fones de ouvido	>95 dB <-80 dBV
Ruído para fones de ouvido	300 Ω < 0.05 % 16 Ω < 0.06 %
Distorção harmônica e por intermodulação para fones de ouvido	<4 Ω
Impedância de saída para fones de ouvido	0-100 (passos de 1/2 e de 1 dB - total de 80 dB)
Controle de volume	24 dB em cada direção em passos de 1/2 dB
Controle de balanço	Designável à qualquer entrada analógica
Modo Home Theater	Ajustável, via menu, para qualquer nível
Controle de polaridade (fase)	Somente fontes digitais
Controle de filtro	3 filtros digitais selecionáveis (apenas para fontes PCM)
Saída trigger	(3.5mm 5-15VDC)
Controle remoto	Infravermelho
Dimensões (L x A x P)	43.2 x 30.5 x 7.6 cm
Dimensões da embalagem (L x A x P)	58.4 x 45.7 x 22.9 cm
Peso	6.1 kg
Peso embalado	7.7 kg



8 Murasaki

Musique Analogue

Cápsula MC Sumile

“Um conforto exuberante”



TD 203



3XL

ESTADO
DA ARTE 



VA-ONE

THORENS®

DeVORE
FIDELITY

QUAD

the closest approach to the original sound

ACROLINK®
STEREOPHILE CABLE CATALOG

FLUX
HIFI

JELCO®
MADE IN TOKYO



DISTRIBUIÇÃO OFICIAL

fernando@kwhifi.com.br - (48) 3236.3385
(48) 98418.2801 - (11) 95442.0855

www.kwhifi.com.br



**PS AUDIO STELLAR GAIN CELL DAC
(COMO PRÉ DE LINHA)**

Equilíbrio Tonal	10,5
Soundstage	10,5
Textura	10,0
Transientes	10,0
Dinâmica	11,0
Corpo Harmônico	10,0
Organicidade	10,0
Musicalidade	10,0
Total	82,0

**PS AUDIO STELLAR GAIN CELL DAC
(COMO DAC VIA USB)**

Equilíbrio Tonal	10,5
Soundstage	10,5
Textura	10,0
Transientes	10,5
Dinâmica	11,0
Corpo Harmônico	10,5
Organicidade	10,0
Musicalidade	10,0
Total	83,0

DIAMANTE
REFERÊNCIA



ESTADO DA ARTE

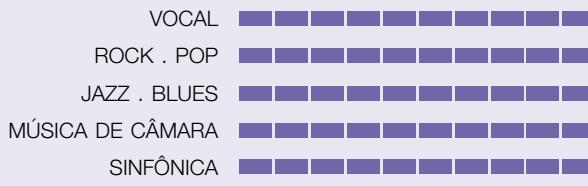
**PS AUDIO STELLAR GAIN CELL DAC
(COMO DAC VIA COAXIAL)**

Equilíbrio Tonal	10,5
Soundstage	10,5
Textura	10,0
Transientes	10,5
Dinâmica	11,0
Corpo Harmônico	10,5
Organicidade	10,5
Musicalidade	10,5
Total	84,0

**PS AUDIO STELLAR GAIN CELL DAC
(COMO AMPLIFICADOR DE FONE DE OUVIDO)**

Equilíbrio Tonal	10,5
Soundstage	11,0
Textura	10,5
Transientes	10,5
Dinâmica	11,0
Corpo Harmônico	10,5
Organicidade	11,0
Musicalidade	10,0
Total	85,0

ESTADO DA ARTE



NOS QUATRO TIPOS DE USO, O PS AUDIO STELLAR TIROU AS MESMAS NOTAS DE ESTILOS MUSICAIS.

German Audio
 contato@germanaudio.com.br
 R\$ 10.900

ESTADO DA ARTE



PORSCHE DESIGN
SOUND



GRAVITY ONE



MAISON DE LA MUSIQUE
ÁUDIO E VÍDEO HI-END



SPACE ONE



MOTION ONE

Fone:
(11) 2738-8543

KKEF®



TOCA-DISCOS DE VINIL RELOOP TURN5

 Juan Lourenço
revista@clubedoaudio.com.br

Na edição 244, de setembro de 2018, fizemos o teste do toca-discos de vinil Reloop TURN2, cedido pela Alpha Áudio & Vídeo, um toca-discos capaz de brigar ombro a ombro com marcas consagradas que dominam o nicho de entrada do hi-end.

Foi com muito entusiasmo que recebi da Alpha o modelo TURN 5, que eu estava bastante curioso para ouvir, já que o TURN2 superou todas as nossas expectativas com seu estilo atual e desempenho surpreendente.

Eu considero a linha TURN uma tentativa bem sucedida por parte da Reloop, de certo modo quebrando com a tradição de mais de 20 anos desenvolvendo produtos exclusivamente para o público da cena eletrônica (DJs e afins). À sua maneira, claro, encaixaram um estilo próprio e um acabamento realmente Premium, sem contar a qualidade sonora do aparelho. Mesmo sendo fabricado na China - como quase tudo nesta vida - não é preciso fazer nenhum esforço

para perceber que é uma linha diferenciada e não um toca-discos que saiu do catálogo pronto da Hanpin Electron.

O TURN5 volta às origens da marca, inspirando-se no icônico Technics SL-1200 - o que considero uma pena, pois adoraria que a Reloop sustentasse o design inicial da linha TURN e, assim, cativasse dois públicos distintos: os que adoram o visual DJ das pickups e os que buscam design atual aliado à soluções técnicas mais com a cara do hi-end moderno, como no TURN2 e 3.

O TURN5 é o toca-discos direct-drive topo de linha da série TURN. Ele não vem equipado com saída USB ou mecanismos de levantar o braço ao final do disco, não senhor. Sem perfumarias, ele é um toca-discos de respeito, sério e muito bem construído, comprometido com o audiófilo em todos os sentidos. Vem equipado com cápsula Ortofon 2M Red montada em um headshell de alumínio que possui mecanismo de travamento universal (padrão SME). O braço ➤



em S, também em alumínio, vem com contrapeso regulável, ajuste de anti-skating e ajuste de altura da base do braço (VTA), para acomodar cápsulas maiores. Coube facilmente uma Quintet Black e caberia uma Cadenza sem problemas.

O prato é feito de alumínio fundido e pesa 1,8 kg, com acabamento preto com cavidades em dourado. Vem acompanhado de tapete de borracha de cinco milímetros de espessura. Embaixo do prato fica o ímã do rotor e um potente motor CC de acionamento direto controlado por quartzo e sem escovas, responsável por dar torque e manter a tração do prato com altíssima precisão em 33-1/3, 45 ou 78 RPM. É incrível como ele não varia um nada, mesmo com pesos de mais de 500 g, jamais ocorreu qualquer variação em seu funcionamento. Ele literalmente anda nos trilhos!

A base do TURN5 é bastante robusta. Não dá para saber ao certo o que tem dentro da carapaça rígida, mas com certeza absorve bem as vibrações. Ao bater com o nó dos dedos, quase nada da vibração do impacto se propaga pela base, o que é muito bom! Seus pés fazem um ótimo desacoplamento da base com o rack ou prateleira. A tampa em acrílico fumê tem uma bolha saliente na parte de trás, onde fica a base do braço. Uma solução bacana para quando precisar aumentar a altura do braço. Particularmente achei melhor assim que conviver com uma tampa mais alta que, para o meu gosto, afeta o visual de todo o conjunto.

COMO TOCA

Para o teste utilizamos os seguintes produtos e acessórios. Fontes: toca-discos de vinil Reloop TURN5 com cápsula 2M Red, 2M Bronze e Quintet Black, com pré de phono The Phonostage II SE e pré de phono interno do amplificador Anthem STR. Amplificação: Sunrise Lab V8 MkIV, integrado Anthem STR. Cabos de força: Transparent MM2, Kubala Sosna Elation, Sunrise Lab Reference Magic Scope e Nanotec com tomadas Oyaide. Cabos de interconexão: Sunrise Lab Reference Magic Scope RCA, Sunrise Lab Quintessence RCA, Sax Soul Cables Zafira III XLR. Cabos de caixa: Transparent Reference XL, Sunrise Lab The Illusion e Sunrise Lab Quintessence Magic Scope. Caixas acústicas: Neat Ultimatum XL6, Dynaudio Emit M30, Q Acoustics 3050i.

Amaciar toca-discos é uma moleza, 30 horas e tudo estará no lugar, ou muito perto disto. Todos os Reloop vêm com a cápsula montada e regulada, e o trabalho é apenas o de encaixar o headshell no braço, ajustar o peso ideal especificado tanto no manual do reloop quanto no site da Ortofon - que no caso da 2M Red é de 1,8 gramas. O anti-skating ficou na posição 1,6.

O primeiro disco foi do Sting, álbum *Nothing Like The Sun*, faixa 1 do lado B1. Logo nos primeiros acordes fica claro que o TURN5 não está para brincadeira: ele mostra um baixo bem recortado e os

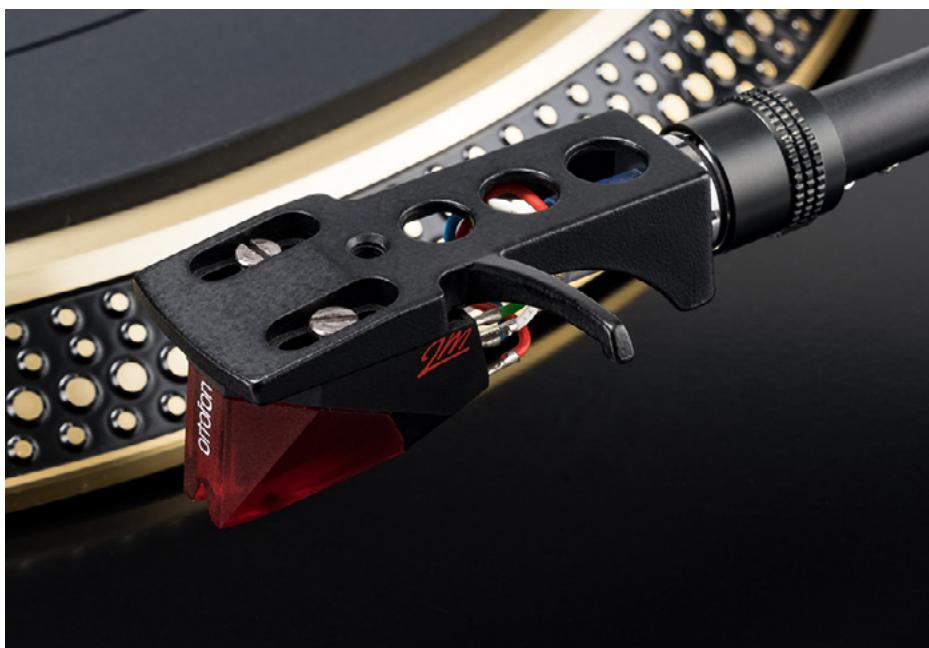
Não é mágica, é Ciência!

pratos de bateria com bastante resolução. Eu falo do toca-discos porque conheço bem a cápsula, e sei que em toca-discos leves ou mal resolvidos jamais soaria assim, no mínimo perderia uma boa fatia das altas e os harmônicos que definem o contrabaixo perderia um bocado da beleza.

Uma coisa que chamou atenção foi que, como não utilizei o cabo RCA fornecido pela Reloop, já que é bastante simples, acabei por não ligar o cabo do terra da cápsula para o pré de phono, eu só fui me dar conta quando fui trocar de cabos! Em nenhum momento a cápsula roncou ou deu sinais de que precisava do cabo terra. Coloquei o bendito cabo e o ganho se deu em silêncio de fundo e micro-dinâmica.

Após ouvir uma dúzia de discos, resolvi trocar de cápsula. Estava na cara que a 2M Red não estava nem perto do limite do toca-discos. Próxima parada: 2M Bronze. Agora sim o TURN 5 acordou de verdade. O detalhamento subiu muito e o melhor: sem perder calor nem naturalidade dos timbres, muito pelo contrário, os timbres ficaram de arrepiar! O corpo harmônico ganhou tamanho correto, a profundidade e lateralidade do palco sonoro mais que dobrou. Os agudos ganharam peso e decaimentos na medida. No disco da Patricia Barber, álbum Companion, faixa 2 do primeiro lado, foi qualquer coisa de espetacular! A velocidade na digitação do contrabaixista, as "tracejadas" da corda no espelho do contrabaixo e o timbre se comparava à toca-discos muito mais caros. Foi então que me veio à mente a seguinte pergunta: Por que não extrapolar? Já que se deu tão bem com a 2M Bronze, por que não uma Ortofon Quintet Black? Foi exatamente o que fiz. O ajuste milimétrico e muito intuitivo do VTA permitiu acomodar de forma muito fácil a cápsula. Ainda sobrou um choro que com certeza caberia uma Ortofon Cadenza ali.

Ouvir novamente o disco da Patrícia Barber no Reloop TURN5 com a Ortofon Quintet Black foi simplesmente maravilhoso. Tanto que liguei o Luxman para ouvir CD, não para comparar beleza entre digital vs analógico, mas sim extensão e corpo das altas. Mesmo com todos os encantos da Quintet, eu diria que a cápsula ideal para o TURN 5 seria a 2M Bronze ou MC equivalente, talvez uma Quintet Red. Tudo isto levando em consideração o valor do toca-discos e do investimento em cápsula, claro.



Peça uma demonstração dos produtos da Magis Audio, e descubra o salto que o seu sistema de áudio e vídeo pode dar.



MAGIS AUDIO
Magis Audio, just listen

Telefone: (11) 98105.8930
duvidas@magisaudio.com
www.magisaudio.com

CONCLUSÃO

Assim como o TURN2 nos surpreendeu positivamente, o TURN5 fez a mesma coisa, só que numa escala muito maior. Pode muito bem ser o aparelho definitivo de muitos melômanos e o upgrade certeiro de quem deseja subir mais alguns metros em direção ao topo do pinheiro.

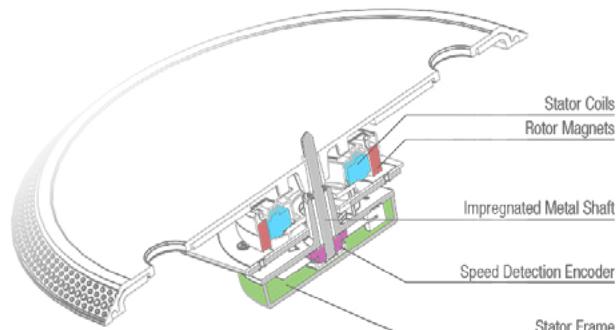
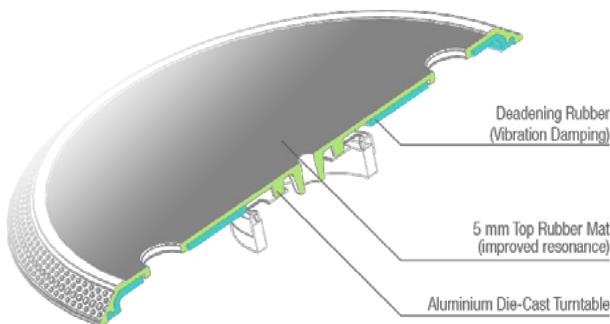
Ah! Sobre quem ganhou o embate de gostosura, adivinha...? ■

PONTOS POSITIVOS

Braço muito bem construído, sem folgas e víscos. Base robusta e pesada, excelente contra vibrações.

PONTOS NEGATIVOS

Faltou regulagem para os pés de apoio.



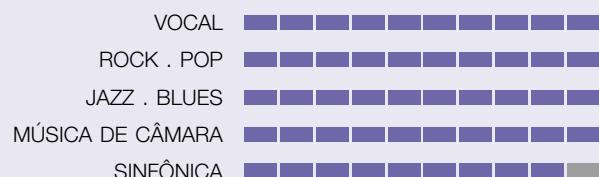
ESPECIFICAÇÕES	
Tipo	Toca-discos manual
Acionamento	Motor direct-drive de alto torque controlado por Quartzo
Motor	16 pólos, 3 fases, DC sem escovas
Velocidades	3 (33-1/3, 45, 78 RPM)
Torque	4500 g/cm
Tempo de partida	Menos de 0.2 segundos
Wow & flutter	0.01% WRMS
Relação Sinal/Ruído	>55 dB (DIN-B)
Sistema de freio	Eletrônico
Braço tipo	Universal, de equilíbrio estático, em S
Comprimento efetivo	230 mm
Overhang	15mm
Ângulo de erro de tração	Menos de 3 graus
Altura de base do braço ajustável (VTA)	0 a 6 mm
Peso aplicável à cápsula	3.5~8.5 g (incluindo headshell: 13~18 g)

ESPECIFICAÇÕES	
Anti-Skating	0 a 3 g
Massa efetiva do braço	30 g
Material do prato	Alumínio
Diâmetro	332 mm
Peso do prato	1.8 kg (incluindo tapete de borracha)
Terminais	- 1x PHONO Out RCA - 1x GND Terra
Acessórios inclusos	Prato, tampa acrílica, dobradiças da tampa, contrapeso do braço, cabo RCA com fio terra, cabo de força, tapete de borracha do prato, manual de instruções, cápsula Ortofon 2M Red já montada no headshell.
Alimentação	115 / 230 V (60 / 50 Hz)
Consumo	9 W
Dimensões (L x A x P)	458 x 162.4 x 368.3 mm
Peso	aproximadamente 12.8 kg
Dimensões (L x A x P)	458 x 162.4 x 368.3 mm
Peso	aproximadamente 12.8 kg



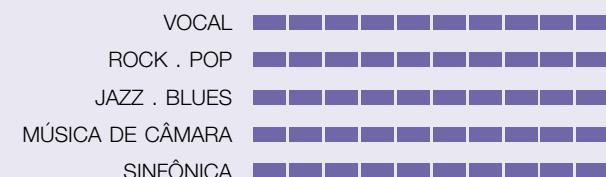
RELOOP TURN 5 COM CÁPSULA ORIGINAL ORTOFON 2M RED

Equilíbrio Tonal	9,0
Soundstage	8,5
Textura	8,5
Transientes	8,0
Dinâmica	8,0
Corpo Harmônico	8,5
Organicidade	8,5
Musicalidade	9,0
Total	68,0



RELOOP TURN 5 COM CÁPSULA ORTOFON 2M BRONZE

Equilíbrio Tonal	9,5
Soundstage	9,0
Textura	9,5
Transientes	9,0
Dinâmica	9,0
Corpo Harmônico	9,0
Organicidade	9,0
Musicalidade	9,0
Total	73,0



OURO
REFERÊNCIA



Alpha Áudio e Vídeo
(11) 3255-2849
R\$ 6.590



DIAMANTE
RECOMENDADO

TESTE
3
AUDIO



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=NTDCQ7P6AT8](https://www.youtube.com/watch?v=NTDCQ7P6AT8)



SOUNDBAR SONY HT-S700RF

 Jean Rothman
revista@clubedoaudio.com.br

A grande maioria dos TVs de tela plana possuem qualidade de áudio muito inferior à imagem. O soundbar Sony HT-S700 vem preencher esta lacuna, oferecendo um som surround com qualidade, sem que seja necessário adquirir equipamentos mais caros e têm muitas vezes instalação e manuseio mais complicados.

DESIGN

O Sony HT-S700RF é composto por 3 componentes: um soundbar que comprehende os 2 canais frontais e o central, um subwoofer ativo de 140W com woofer de 20cm de diâmetro, e 2 caixas surround no formato torre, com falantes de 2 vias. A barra central é bem fina, com 64mm de altura, totalmente recoberta por uma grelha metálica e possuindo furos em sua parte posterior para eventual fixação em paredes.

As caixas traseiras são bem finas e altas (1,20m), também recobertas por grelha metálica em toda a sua extensão. O subwoofer é

também a unidade central do sistema, recebendo todos os cabos e interconexões com a TV. Também possui botões de operação e um painel com visor LED para visualização do volume e modos de áudio. Possui 1 porta HDMI para ser conectada ao canal de retorno de áudio da TV (HDMI-ARC). Também possui entrada para cabo óptico de áudio, entrada P2 para áudio analógico e aceita transmissão através de bluetooth.

Todas as conexões do soundbar, subwoofer e caixas surround são feitas através de cabos fornecidos com o equipamento e que não são destacáveis. Como o subwoofer deve permanecer perto da TV e do soundbar, é importante prever infraestrutura para acomodar ou ocultar os cabos até as caixas traseiras. O sistema suporta os formatos Dolby Digital e DTS.

O conjunto é muito bem construído e transmite bastante robustez.



RECURSOS

O soundbar Sony vem com controle remoto que permite ajustar o equipamento, selecionar entradas, controlar volume, intensidade do subwoofer, volume das caixas surround e escolher o modo surround desejado. Também está disponível um aplicativo para smartphones que permite configurar e controlar o aparelho. Achei muito mais prático configurar o sistema e ajustar as caixas surround através do aplicativo.

PERFORMANCE

Testamos o HT-S700 com alguns CDs de música, mídias Blu-Ray e também com diversos trechos de filmes e séries via Netflix através da conexão HDMI-ARC da TV. Começando com CDs de áudio estéreo, o som é bastante agradável, com boa inteligibilidade e extensão. Muito mais indicado para som ambiente do que para ouvir

orquestras ou rock em altos volumes. Já nos filmes, tivemos uma ótima experiência, com as caixas surround preenchendo e envolvendo muito bem o espectador com muitos detalhes e nuances. O canal central é bastante competente na reprodução dos diálogos, com resultado muitíssimo superior ao dos falantes originais das TVs.

O subwoofer ajuda muito a encopar os graves dos canais frontais e tem boa 'pegada' nos filmes. Deve-se usar o volume do subwoofer com cautela, pois no máximo ele 'embola' o som, prejudicando a inteligibilidade e clareza nos detalhes.

Cenas de ação tornam-se extremamente envolventes, criando um palco bastante imersivo ao nosso redor. A diferença entre assistir um filme somente com áudio da TV ou com um sistema 5.1 da Sony é incrível. Aliado a um excelente custo-benefício, certamente irá trazer uma nova experiência em assistir filmes.





MÍDIAS UTILIZADAS NO TESTE

- CDs diversos
- Blu-Ray: Tony Bennett - An American Classic
- UHD Blu-Ray: Os Mercenários 3 - 4k HDR
- Netflix: diversos trechos de filmes e séries
- Amazon Prime: diversos trechos de filmes e séries

EQUIPAMENTOS

- TV Sony OLED XBR-65A8F
- UHD Blu-Ray Player Samsung
- Blu-Ray Player Sony



SOUNDBAR SONY HT-S700RF	
Equilíbrio Tonal	8,5
Soundstage	8,0
Textura	8,0
Transientes	7,0
Dinâmica	8,5
Corpo Harmônico	8,0
Organicidade	8,0
Musicalidade	7,0
Total	63,0

Sony
www.sony.com.br
 R\$ 3.999

OURO
 RECOMENDADO





ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=GAJEHPK4XPC](https://www.youtube.com/watch?v=GajeHPK4XPC)

TV SONY OLED XBR-65A8F



Jean Rothman
revista@clubedoaudio.com.br

A nova TV Sony OLED 65A8F é a evolução do modelo A1F, de 2017. A principal mudança foi no design, abandonando o estilo ‘porta-retratos’ que mantinha a AF1 levemente inclinada, bem como o suporte traseiro que abrigava o subwoofer, mantendo a TV a uma certa distância quando fixada na parede. O modelo A8F mantém o processador X1 Extreme e áudio através de painel acústico, dispensando alto falantes convencionais. Está disponível no Brasil em versões com 55 e 65 polegadas e suporta o formato HDR Dolby Vision, entre outros.

DESIGN, CONEXÕES E CONTROLE

A Sony A8F é uma TV com tecnologia OLED UHD (4k) que se diferencia dos modelos LCD/LED por possuir pixels auto emissivos, não dependendo de sistemas de iluminação interna e fazendo com que os pixels, quando apagados, apresentem um preto absoluto sem nenhum vazamento de luz. Na prática, isto se traduz em maior contraste e sensação de profundidade, popularmente chamado de contraste infinito.

É mais fina que um celular! O painel OLED em seu perímetro possui aproximadamente 5 mm de espessura, o que por si só já transmite grande sensação de modernidade. Em sua parte central, abriga os componentes eletrônicos, conexões e um subwoofer para auxiliar na reprodução dos graves. A base central que suporta a TV é muito fina e discreta, e aliada a bordas finíssimas e quase invisíveis, faz a 65A8F parecer flutuar no espaço. A parte traseira da base possui uma tampa que foi projetada para acomodar e ocultar os cabos de força e conexões. A TV possui furação padrão VESA, permitindo fixá-la na parede, utilizando-se um suporte adequado. Em sua porção mais espessa, a TV possui 55 mm de profundidade.

A A8F possui 4 entradas HDMI 2.0 com suporte a HDCP 2.3 (sendo uma delas com ARC que permite o retorno do áudio para um receiver), 1 entrada Vídeo Composto (RCA), 3 portas USB, 2 conexões RF para antenas, 1 saída para fones de ouvido, 1 saída de áudio óptica, 1 entrada ethernet RJ45, além de conectividade para ➤



redes wi-fi e suporte a dispositivos Bluetooth. As entradas HDMI 2 e 3 também suportam imagens 4k a 60 fps 4:4:4.

O controle remoto é o tradicional da Sony, utilizado há vários anos, em versão embrorrachada. Possui uma pegada confortável, mas mostra sinais de um design pouco atual e muito cheio de botões, prejudicando um pouco a usabilidade. Este é um ponto que a Sony pode melhorar nas próximas gerações. O controle envia comandos por IR (infravermelho), com exceção da tecla microfone que se comunica por Bluetooth. Como pontos positivos, possui teclas de acesso fácil ao Google Play e ao Netflix, bem como microfone para comandos de voz.

Para quem possui sistemas de automação, a Sony oferece controle por IP através da rede, dispensando os emissores de IR (infravermelho) que ficam colados na frente dos aparelhos, diminuindo a necessidade de infraestrutura e facilitando a integração.

RECURSOS

O sistema operacional e interface com o usuário é o Android, empurrado pelo processador X1 Extreme. O painel OLED 4k UHD (3840 x 2160 pixels) atinge picos de luminosidade de aproximadamente 750 nits e 10-bit de profundidade de cores. Suporta os formatos HDR, HDR10, HLG e Dolby Vision que, nas mídias HDR, faz

mapeamento dinâmico de tonalidade, analisando a imagem quadro a quadro e otimizando a luminosidade das áreas mais claras e mais escuras. Este recurso é muito importante, pois as mídias HDR são masterizadas com diferentes níveis máximos de brilho.

A TV possui um recurso chamado pixel shifting, que move lentamente porções estáticas da imagem para evitar o efeito burn-in que pode acontecer com alguns painéis OLED. A lista de aplicativos é bem extensa e conta com os tradicionais Netflix, Amazon Prime, Globoplay e Youtube, entre tantos outros. Além disso, possui Google Cast integrado.



ÁUDIO

Assim como o modelo A1E anterior, a A8F não possui alto-falantes convencionais. O próprio painel OLED é uma superfície acústica utilizando transdutores que transmitem o som através de vibrações que não são visualmente perceptíveis. Desta forma, o áudio da Sony OLED é sensivelmente superior à maioria das TVs planas que possuem minúsculos falantes. A qualidade do áudio é satisfatória para uso diário, porém recomendamos um soundbar ou sistema de áudio para desfrutar melhor seus filmes e séries.

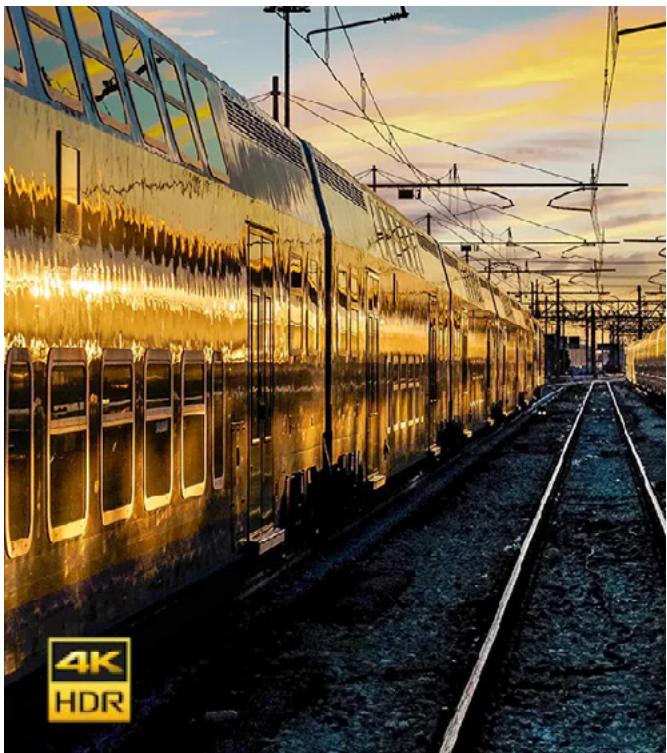


QUALIDADE DE IMAGEM

Após a instalação, a primeira avaliação com os ajustes de fábrica é quase uma decepção. Brilho excessivo, branco extremamente azulado e tons escuros chapados, perdendo todos os detalhes. Praticamente um padrão na indústria de TVs atualmente. Mas, não fique triste, caro leitor, pois após os ajustes e calibração da imagem, uma nova TV nasceu. Linda e esplendorosa. O preto absoluto do painel OLED gera um contraste tão espetacular que leva a TV a um outro patamar de qualidade. Elementos brilhantes ao lado de fundos negros sem nenhum vazamento de luz - e que profundidade de imagem!

Destaque para o processador X1 Extreme, que apresenta imagens com baixíssimo ruído e uma gama de cores naturais e muito vibrantes, além de preservar os detalhes nas áreas mais claras. As transições das cores são muito suaves e não se notam faixas ou posterizações indesejadas.





Uma pequena ressalva ao alto nível de reflexo desta TV, também notado em outras marcas que utilizam painéis OLED: é um produto que apresenta melhores resultados em salas com certo controle de iluminação e não recomendamos a instalação em ambientes com janelas bem na frente da TV, pois o reflexo durante o dia chega a atrapalhar bastante.

Outra vantagem das TVs OLED é o ângulo de visão. As cores e contraste são excelentes, independente da posição do espectador. É algo que incomoda bastante nas TVs LCD, que possuem ângulo de visão bem pequeno que prejudica a imagem quando se assiste fora do centro.

E as mídias 4k Dolby Vision? Que show de cores e brilho! Imagens fantásticas e viciantes - fica difícil desligar a TV. É admirável como a Sony conseguiu a soma de refinamento, alto nível de detalhamento e naturalidade. Fico feliz em ver a constante evolução tecnológica da indústria e sinto-me bastante confortável em recomendar a Sony A8F como a atual referência em qualidade de imagem de TVs. ■





MÍDIAS UTILIZADAS NO TESTE

- Blu-Ray: Advanced Calibration Disc
- HDR10 Test Pattern Suite
- Blu-Ray: Spears and Munsil – HD Benchmark 2nd Edition
- Blu-Ray: O Quinto Elemento
- Blu-Ray: Missão: Impossível – Protocolo Fantasma
- Blu-Ray: DTS Demo Disc 2013
- Blu-Ray: Tony Bennett – An American Classic
- Mpeg: Ligações Perigosas – 4k HDR
- UHD Blu-Ray: Os Mercenários 3 – 4k HDR
- Netflix HD, 4K e HDR/Dolby Vision: diversos trechos de filmes e séries
- Amazon Prime 4K e Dolby Vision: diversos trechos de filmes e séries

EQUIPAMENTOS

- UHD Blu-Ray Player Samsung
- Blu-Ray Player Sony
- Colorímetro X-Rite
- Luxímetro Digital

ANÁLISE GERAL

Descrição	Pontos
Design	12
Acabamento	10
Características de Instalação	10
Controle Remoto	07
Recursos	10
Automação e Conectividade	12
Qualidade de Imagem em SD	14
Qualidade de Imagem em HD e UHD	16
Qualidade de Áudio	08
Consumo e Aquecimento	10
Total	109

Sony
www.sony.com.br
R\$ 16.749

ESTADO
DA ARTE



TESTE OBJETIVO DE CALIBRAÇÃO DE IMAGEM

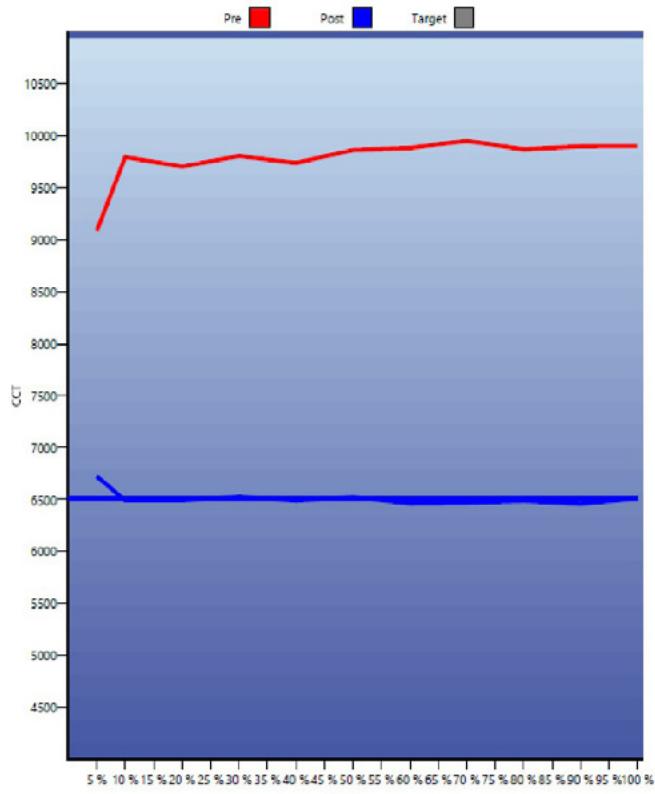
Jean Rothman

A TV Sony 65AF8 vem de fábrica pré-ajustada no modo 'Standard'. Utilizamos este modo para nossas medições iniciais e obtivemos uma temperatura de cor de 9.774K. O modo 'Standard' tem um brilho excessivo e tonalidade extremamente azulada. É um padrão utilizado nas lojas para demonstração de TVs e não deve ser utilizado em ambiente doméstico, pois causa enorme fadiga visual e suprime os detalhes das altas luzes.

O modo 'Custom' esteve bem próximo de D65 (6.500 Kelvin), temperatura de cor adotada como padrão em reprodução de vídeo. Foi o modo adotado em nossas medições, fazendo a calibração para 6.500K, obtendo temperatura de cor média de 6.513K.

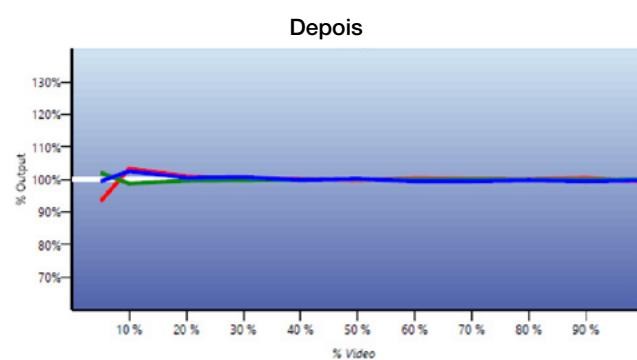
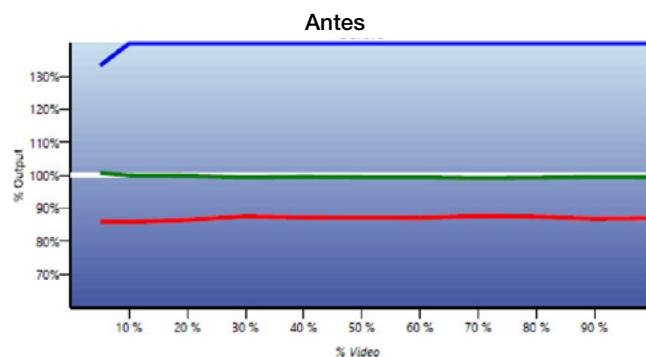
O controle 'Backlight' foi ajustado para uma luminosidade de 35fL (Foot Lambert, unidade de luminância) em ambiente escuro. Nas medições pré-calibração, o dE médio foi 22,0 e o maior dE individual de 23,2 (Delta E é uma expressão que indica quão próximo do branco ideal D65 o resultado se encontra - abaixo de 3 é considerado visualmente indistinguível do resultado ideal). Após a calibração obtivemos um dE médio de 0,9, excepcional resultado, demonstrando boa linearidade na escala de tons de cinza.

Temperatura de Cor

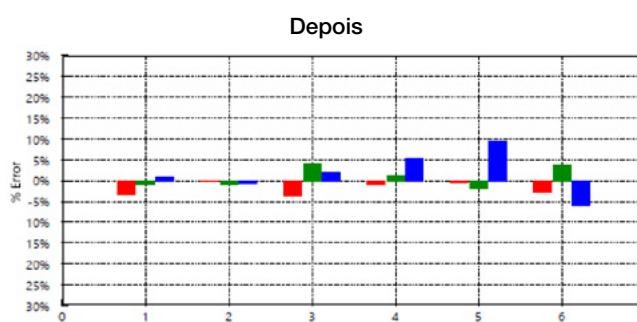
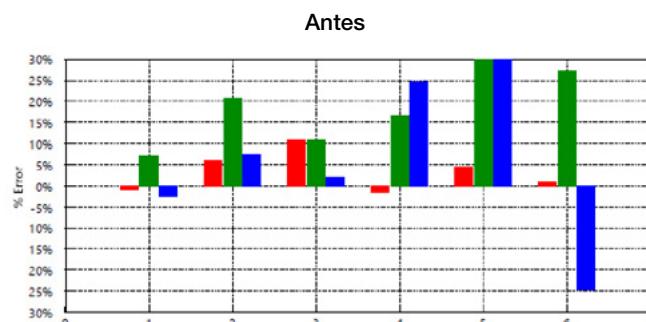


As cores apresentaram extrema saturação de azul (B) e pouca saturação de vermelho (R). Esta diferença foi corrigida na calibração utilizando os controles avançados de cores da TV. O dE médio inicial foi de 10,0 e após a calibração obtivemos dE 1,7, um excelente resultado cromático.

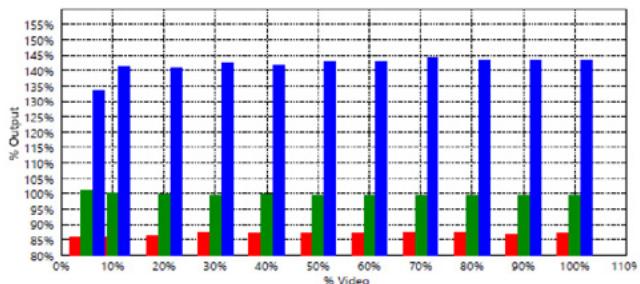
RGB Chart



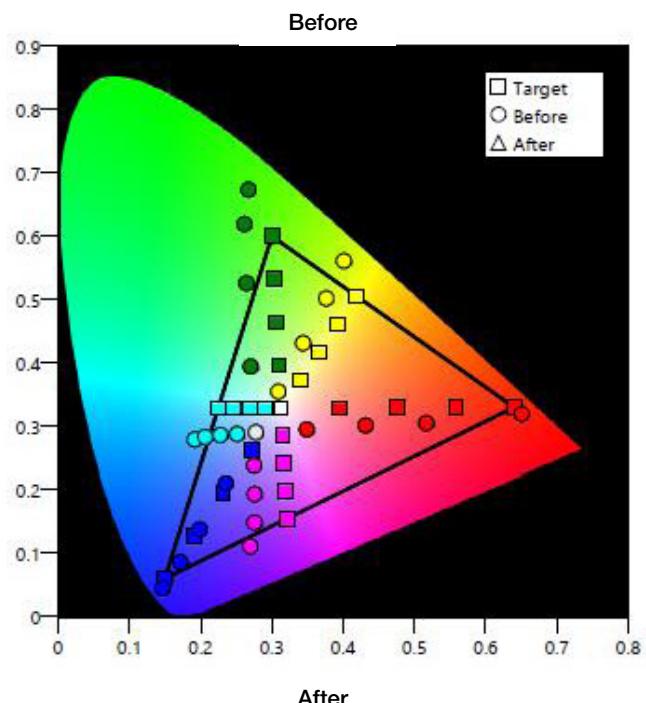
Desvio Cromático



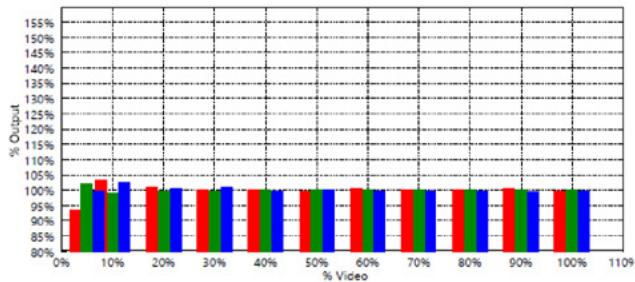
Equilíbrio RGB (antes)



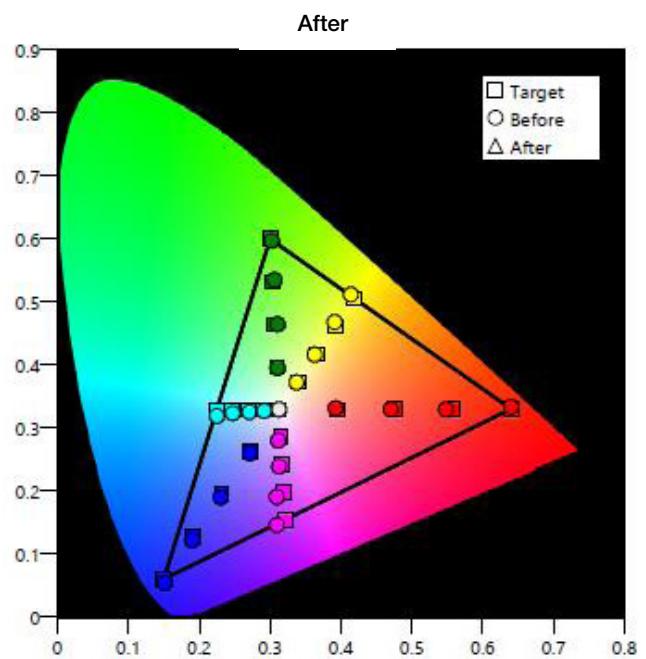
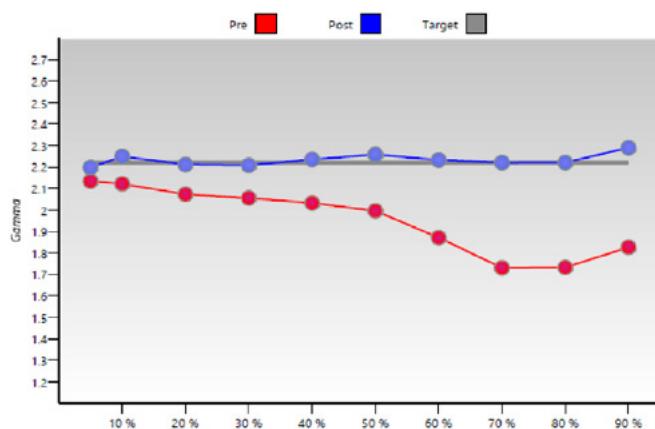
Saturação de Cores



Equilíbrio RGB (depois)



A curva de Gamma inicial estava muito baixa, com valor médio de 1,96. Alteramos utilizando o menu com ajuste em 10 etapas, buscando um valor médio de 2,22. As medições pós-calibração apresentaram Gamma médio de 2,23 com valores muito bons em todos os níveis de estímulo (10% a 90%), e com boa linearidade.



A taxa de contraste medida foi de 394.000:1. Teoricamente a taxa de contraste é infinita, já que o valor do preto é zero. Porém, para finalidade de ajustes, assumimos 0,0003 como valor de preto. De qualquer forma, a taxa de contraste de TVs OLED é insuperável na atualidade.

O resultado cromático pós-calibração foi excelente, apresentando excelente linearidade das cores primárias e secundárias, em toda a escala de saturações.

A Sony A8F, após calibração, passa a ser a atual referência em qualidade de imagem. ■



Basilica di Santa Maria del Fiore - Florença - Itália

A ÓPERA NO SÉCULO XIX - DO ROMANTISMO AO VERISMO



Omar Castellan
omarcastellan@clubedoaudio.com.br

Desde a época de Mozart até os dias de hoje, a ópera tem sido para um grande número de pessoas a mais faustosa, eloquente, exuberante e satisfatória de todas as criações musicais. Combina espetáculo, apuro técnico e apelo emocional em um grau sem paralelo em qualquer outra das artes da apresentação. Fazendo uma retrospectiva desse gênero musical até o início do período romântico, no século XIX, nota-se que as primeiras óperas eram pouco mais do que peças cantadas, atribuindo a todo elenco o mesmo tipo de

música, independentemente da situação ou da personagem. Porém, no começo do século XVII, **Monteverdi** (com as óperas *Orfeu*, 1607; e *A Coroação de Popéia*, 1642), e, logo após, **Cavalli** (com *L'Egisto*, 1643; e *La Calisto*, 1651), desenvolveram a ideia de ressaltar os momentos mais expressivos do enredo, confiando aos intérpretes árias que interrompiam a ação para ressaltar emoções e sentimentos. Durante o século XVII e o início do XVIII, a ópera floresceu como forma de entretenimento das classes abastadas e, gradualmente, as partes ➤

'faladas' dos espetáculos (denominadas de *recitativo*) foram cedendo lugar às árias, e toda a atenção do público passou a fixar-se nos cantores. Como hoje, o que os espectadores da época queriam encontrar em um cantor de ópera era a combinação de destreza vocal e desempenho cênico, e, aqueles que podiam apresentá-la de forma expressiva, eram logo cobertos de glória, fama e fortuna - a função da orquestra era meramente a de proporcionar aos cantores um acompanhamento discreto; os trechos corais eram sumários, reservados para mostrar multidões eufóricas ou apavoradas, e os entreatos enredos davam ensejo a montagens espetaculares e a tramas envolventes. Desse modo, as óperas desenrolavam-se de uma ária para outra e, no conjunto, equivaliam a um brilhante concerto vocal em que os atos eram frouxamente interligados por uma narrativa baseada na mitologia ou em acontecimentos da história antiga. A maioria dos autores desse tipo de ópera eram inexpressivos, e foi somente com a genialidade de **Haendel**, na primeira metade do século XVIII, que o gênero se firmou: *Agripina* (1709), *Acis e Galateia* (1718), *Júlio César* (1724), *Alcina* (1735) e *Xerxes* (1738), ópera na qual se encontra o famoso *Largo 'Ombra Mai Fù'*.

Esse estilo operístico em que a trama era centralizada apenas na capacidade vocal dos cantores caiu em desuso nos meados do século XVIII, quando compositores da Europa Setentrional, liderados por **Gluck** (*Orfeu e Eurídice*, 1762; e *Efigênia em Áulida*, 1774) passaram a buscar formas de entretenimento mais próximas do drama musical atual do que da ópera seiscentista italiana - a ação passou a ser contínua, e as árias, ao invés de serem inseridas aleatoriamente nas partituras, começaram a integrar os enredos e a ser justificadas por eles. Desde então, o estilo 'drama musical' fixou-se como a principal forma operística que os compositores românticos do século XIX, como **Weber** e **Berlioz**, elaborariam ainda mais, e **Wagner** transportaria a culminâncias jamais atingidas. Assim, no século XVIII, estabeleceram-se as novas ideias de unidade dramática, e se atribuiu à música em si mesma uma qualidade intelectualmente satisfatória, alterando a estilo de compositores que se vinham mantendo fiéis ao velho método italiano de composição, baseado na sequência de recitativos e árias. O maior de todos eles foi **Mozart**, em cujas óperas (*As Bodas de Fígaro*, 1786; *Così Fan Tutte*, 1790; *Don Giovanni*, 1787; e *A Flauta Mágica*, 1791) se encontra uma unidade musical tão consistente quanto a de qualquer sinfonia ou sonata, sem perder o entusiasmo indispensável a qualquer entretenimento cênico.

Na era romântica, a era do indivíduo, o culto aos astros da interpretação se evidenciava principalmente na ópera. Frequentá-la era, ao mesmo tempo, uma fonte de intensas experiências emocionais como um meio de exibir superioridade cultural e social. Três grandes

correntes de ópera floresceram no século XIX, culminando nas obras dramáticas dos compositores da Itália, Alemanha e França. A ópera tradicional dos italianos prosseguiu numa sucessão ininterrupta, através das obras de compositores como **Rossini**, **Bellini** e **Donizetti**, atingindo a sua expressão plena nas óperas de **Verdi**. Os três primeiros compuseram óperas cômicas e líricas adequadas aos talentos de Giuditta Pasta, Maria Malibran, Adolphe Nourrit e Luigi Lablache; é desses trabalhos que herdamos o termo *bel canto*, significando, simplesmente, *bonito cantar*. A ópera romântica alemã, que recebeu seu primeiro impulso das óperas de **Weber**, transformou-se, através dos dotes únicos de **Wagner**, em um tipo especial de ópera denominado pelo compositor de 'drama musical'. A ópera francesa, que durante muitos anos representou uma luta entre a veia nacional da *ópera comique* e o estilo um tanto híbrido e pretensioso da *Grand Opera* de Paris, foi rejuvenescida nos últimos anos do século pelo aparecimento de um movimento genuinamente nacional, representado pelas óperas líricas de **Gounod**, **Massenet** e outros. A única ópera dramática, *Carmen*, uma obra de **Bizet**, que fez sua aparição nessa altura, está muito avançada em relação ao nível geral desse movimento e não criou nenhuma escola de ópera na França propriamente dita.

Foi, provavelmente, o incorruptível italianoismo de **Gioacchino Rossini** (1792-1868) que contribuiu, em parte, para o seu êxito em pleno Romantismo. Rossini encarna o descuido, a alegria, o entusiasmo sonoro e a feliz aceitação da vida. A sua ópera-bufa, *O Barbeiro de Sevilha*, escrita aos 24 anos, no espaço de duas semanas, é espírito-saudade, efervescente de malícia e de uma escrita sutil. É a mais operística de todas as óperas, a obra-prima da música da facilidade. Outras de suas óperas, escritas com a mesma prodigiosa facilidade, permanecem, hoje, tão saborosas quanto em suas estreias. Além de suas famosas óperas cômicas (*La Gazza Ladra*, *A Italiana em Argel* e *Cinderela*), compôs, também, óperas sérias como *Semiramide*, *Tancredi*, *Moisés*, *O Cerco de Corinto*, *Guilherme Tell* etc. No geral, a música de Rossini acompanha a época da Restauração, entre 1815 e 1830, e foi o divertimento predileto de uma sociedade frívola e deliberadamente apolítica. É por isso que ele conquistou triunfalmente a Europa. Admirava muito Mozart e, portanto, no estilo do compositor austríaco, escreveu algumas das mais belas aberturas de toda a história da ópera. Tomado em seu sentido mais geral, o termo musical 'abertura' designa uma composição orquestral que serve de introdução a uma obra lírica (ópera, ópera-bufa, oratório) ou a certas suítes. O século XIX vê aparecer a *Abertura*, reduzida a um simples encadeamento de frases musicais tiradas de uma obra lírica, na qual Rossini é seu expoente máximo. Ele é considerado um dos maiores orquestradores que já existiram, e teria sido um grande sinfonista, caso tivesse se aventurado por esse gênero. No entanto,

BIBLIOGRAFIA

22
ANOS
AVMAG

Rossini, que havia se tornado rico e famoso, renunciou no auge de sua carreira (38 anos), retirando-se para sua confortável vida privada. Esporadicamente, ele compunha algo: um encantador **Stabat Mater**, uma missa, canções, obras curtas de toda a espécie e tantas outras peças de interesse. Óperas, porém, nunca mais. Até hoje, a sua genialidade e delicadeza são admiradas e elogiadas, mesmo que, às vezes, ele soe um pouco irônico; também, são excepcionais a sua perspicácia, compreensão humana e artística.

Entre os protegidos de Rossini estava **Gaetano Donizetti** (1797-1848). Embora no fim da vida ele tenha sido atacado de paralisia (morreu demente), no auge de sua carreira escreveu óperas com uma facilidade semelhante à de Rossini. Mas a maior parte das suas obras é, mais ou menos, pouco cuidada, mesmo quando se trata por vezes de espetáculos brilhantes: quer produzir demais. A grande qualidade de Donizetti é de não se tomar muito a sério. Sua obra-prima é **Don Pasquale**, que narra as infelicidades de um velho solteirão rabugento. Há também cenas muito belas no **Elixir do Amor** e na **Lucia di Lammermoor**, baseada em um romance de Sir Walter Scott, a qual foi recentemente popularizada pelo notável talento de cantoras como Callas e Sutherland, e que fizeram reviver a forma de *bel canto*.

Vincenzo Bellini (1801-1835) também goza ainda hoje da simpatia do público. O terceiro elemento do trio do *bel canto* era o mais novo, embora morresse primeiro, de um súbito ataque de disenteria, com 33 anos. A sua mais notável qualidade do gênio operístico foi sua fertilidade melódica. Não possuía a facilidade de Rossini ou de Donizetti, mas era mestre em compor melodias fluentes, amplas, inigualáveis e graciosas, muito admiradas pelo seu amigo Chopin, cujos *Noturnos* gozam da corrente melódica belliniana. Ímpar, de fato, é a ária 'Casta Diva' de **Norma**, que permanece como desafio para qualquer soprano dramático com pretensões de prima-dona. Apesar de seus momentos débeis, **Norma** é uma obra renovadora na arte de Bellini, que se mostra quase liberto da influência de Rossini e pleno de admirável ardor em levar para a música os sentimentos humanos com uma presença viva que nenhum dos seus antecessores havia conseguido. Na música de **A Sonâmbula** já está abertamente exposta a personalidade do músico, cuja inspiração se traduzirá em melodias dulcíssimas, que exigem um canto puro elegáco, um estado de graça insólito para recriar a candura e a delicadeza expressiva dos sons emanados espontaneamente da alma de Bellini. A construção musical de **Os Puritanos** apresenta um toque de excepcionalidade que a torna diferente de todas as criações semelhantes da época. Nela, a inspiração de Bellini volta a fluir espontânea, rutilante, aristocrática e lírica; a melodia tem uma pureza refinada, perfeita no traçado, para o brilho das vozes e a exposição de todas as suas capacidades expressivas. Os dois

gigantes do século XIX que se consagraram à ópera, **Giuseppe Verdi** (1813-1901) e **Richard Wagner** (1813-1883), nasceram no mesmo ano, e romperam, cada um à sua maneira, com as velhas convenções do teatro lírico e a sua concepção estilística. Em homenagem à comemoração dos 200 anos de seus nascimentos, suas vidas e obras serão sucintamente analisadas no próximo artigo.

Enquanto Rossini, Bellini e Verdi fazem a glória da ópera italiana, e Wagner, a da ópera alemã, na França o teatro musical vai mal. Talvez ninguém como Balzac em *La Comédie Humaine* tivesse conseguido refletir de uma maneira tão real a vulgaridade burguesa e o clima materialista, já distante do Romantismo, da França do século XIX, mais concretamente, do período compreendido entre o regresso da dinastia dos Bourbons e os anos 70. Musicalmente é difícil encontrar outra época em que a sociedade francesa tenha se conformado com uma produção tão mediocre e frívola, perdendo a ambição artística dos salões aristocráticos em benefício da ostentação virtuosística, instrumental e vocal, e de desejos estéticos que não iam além da *romanze* amável e afetada. Entretanto, a história do teatro lírico francês registra compositores cuja inspiração se elevou acima da produção média da época. Berlioz (cujas óperas foram rejeitadas) e Bizet estão, sem dúvida, a uma considerável distância de Meyerbeer, Gounod, Saint-Saëns ou Massenet, que têm menos significado.

Na segunda metade do século, **Charles Gounod** (1818-1893) salva a ópera francesa. O seu **Fausto** não é uma obra-prima, porém tem qualidades suficientes para justificar o imenso êxito. Nessa obra, Gounod manifesta-se mais sensual e afetuoso, graças às linhas melódicas doces, mas nunca piegas, profundamente lírico, bem como um excelente artesão na construção cênica. O 'Dueto dos Amantes' é uma de suas melhores páginas, impregnado de ternura e pureza. **Jules Massenet** (1842-1912) foi um verdadeiro dramaturgo musical, dotado de uma inspiração melódica inata, dono de uma grande sensibilidade sonora, um romântico tardio com pinceladas impressionistas. Sua influência ainda hoje se faz sentir. Exprimiu-se por meio de uma produção operística delicada, sedosa e elegante, dotada de um colorido instrumental pessoal que a torna irresistivelmente sedutora. Mais do que qualquer outra ópera sua, **Manon** (1884) possui todas as virtudes e defeitos de Massenet; a sua música é mais patética do que dramática, sem deixar nunca os tons suaves, característica que define, também, o lirismo mais explicitamente romântico e idílico de **Werther** (1892). O aspecto mais frágil de **Thaïs** é o argumento dramático, porém a sua partitura revela uma inventividade melódica notável, cujas melhores inspirações mesclam-se entre o misticismo superficial e o sensualismo, não menos decorativo. É em *Thaïs* que se encontra a famosa melodia 'Méditation'. ▶

A obra mais marcante da ópera francesa é **Carmen** (1875), de **Georges Bizet** (1838-1875). Nietzsche reconheceu que nela existia uma terceira opção de ópera, entre o simbolismo mitológico de Wagner, incompreensível para os franceses daquela época, e a superficialidade das óperas de origem italiana, que, em sua maioria, eram não mais que teatrais - rica em temperamento latino, mediterraneamente clara, portadora da espiritualidade parisiense e cosmopolita na sensibilidade. Sua estreia foi um fracasso: o público parisiense, conservador e burguês, escandalizou-se com a suposta licenciosidade do libreto e do papel principal, e vaiou. Bizet morreu no mesmo ano, sem adivinhar o imenso sucesso posterior, internacional, da ópera. A música de *Carmen* não é espanhola como muitos dizem, mas genuinamente francesa - ali mesmo, na Provença, é a terra dessa música. A história sensacional da tentadora e volúvel cigana, temperada de paixão, infidelidade e assassinato, é apresentada por Bizet como um musical do século XIX, com canções arrebatadoras entremeadas de trechos falados. Seus exóticos ritmos hispânicos ('Habanera', 'Seguidilha', 'Canção Cigana', 'Canção do Toreador' etc.) e a vibrante orquestração (como, por exemplo, a famosa 'Entrada dos Toreadores') tornaram-na uma das mais populares obras de todos os tempos. Essa ópera assemelha-se à sua heroína - deixa-se cortejar por todos os gêneros sem pertencer a nenhum, e escapa, definitivamente, a qualquer classificação. Talvez esteja aí o seu charme.

Foi só em meados do século XIX que surgiu o teatro musical da música ligeira, a '**Opereta**'. Ela não se parece nem com a ópera bufa italiana nem com a ópera cômica francesa. É uma comédia de canções que troça alegremente da grande ópera. É uma antiópera. Entre os anos de 1850 a 1860, Paris foi o centro do mundo das diversões, e **Jacques Offenbach** (1819-80) soube ir ao encontro daquilo que mais agradava aos espectadores franceses frívolos e amantes do prazer - em março de 1858 encenou o seu **Orfeu no Inferno** (em que se encontra o famoso 'cancan'), um triunfo imediato que estabeleceu um estilo musical na Europa, que se prolongou até o século XX. A colaboração entre o poeta cômico W. S. Gilbert e o compositor **Arthur Sullivan** (1842-1900), que durou de 1875 a 1896, deu, também, à cena musical inglesa, uma série de melodiosas operetas ligeiras como **O Mikado** e **H.M.S. Pinafore**. Os vienenses preferiram criar um mundo de doce fantasia em pequenas obras bem-humoradas, com uma dose de sentimentalismo. As operetas de **Johann Strauss II** (1825-99) são coleções de valses bem trabalhadas, entremeadas com algumas boas árias. Entre as mais conhecidas, encontram-se **Die Fledermaus (O Morcego)**, 1874), sua obra-prima, e o **Barão Cigano** - operetas elaboradas com muita ciência musical e bom gosto. O último grande marco da história da opereta foi **A Viúva Alegre**, de **Franz Lehár** (1870-1948),

representada pela primeira vez em 1905. Possui o que há de melhor nos dois mundos da opereta, pois é ambientada em Paris e se baseia na valsa.

Da saturação do melodrama romântico, ou melhor, do gosto pelas cenas de grande dramatismo do fim do século XIX, surgiu o **Verismo**, conceito de teatro realista e de inquietação humana imediata, cujos princípios já poderiam ser encontrados no naturalismo literário de Zola e na mistura romântico-naturalista de *Carmen*, de Bizet, sem contar com a importância precursora de *La Traviata*, de Verdi. O Verismo é definido por alguns historiadores como a reprodução fotográfica da realidade. Esse movimento, portanto, entra em conflito com o Romantismo, que é mais fiel à fantasia e à ilusão do que à realidade propriamente dita. A mais alta aspiração dos românticos era a superação do Classicismo através da beleza. Como a beleza não conseguiu redimir os homens, agora a realidade fazê-lo.

Pietro Mascagni (1863-1945) foi o expoente máximo dessa tendência que levou à cena lírica a brutalidade e a violência da rua. O novo estilo iniciou-se, desenvolveu-se e terminou, praticamente, com a sua **Cavalleria Rusticana (Honra Camponesa**, 1890). Pelo seu título irônico, pode-se dizer que ela está mais próxima da bravura do que do cavalheirismo. É uma sombria história de amor ilícito e vingança; o fato de que os eventos ocorrem em um domingo de Páscoa aumenta ainda mais o seu efeito dramático. O mais famoso trecho da ópera é o 'Intermezzo'. **I Pagliacci (Os Palhaços**, 1892), de **Ruggiero Leoncavallo** (1858-1919), deve ser considerada uma imitação, aliás, muito bela, da obra anterior. Leoncavallo aproveitou para o seu libreto o fato real de que, em Montalto, onde viveu sua infância (e, também, o local onde a ópera se desenrola), um ator matou sua mulher depois do espetáculo. O pai do compositor era o juiz quando o caso foi julgado. O episódio causou-lhe tanta impressão, que ele resolveu imortalizá-lo em *Os Palhaços*. O prólogo cantado pelo barítono e a ária 'Ridi, Pagliaccio' são universalmente célebres. Essas duas obras são consideradas veristas, pois retiram seus enredos da 'vida real'; entretanto, a música, com seu apelo melódico e ampla sonoridade, suaviza mesmo o mais áspero dos argumentos.

O Verismo não existiu como escola, porque a sua vida ficou limitada a essas duas obras, graças às quais Mascagni e Leoncavallo passaram à história da ópera; nem mesmo eles conseguiram atribuir às suas novas expressões artísticas outros títulos capazes de estabelecer uma continuidade de estilo. Entretanto, não se pode negar a importância histórica do Verismo, por ter sido a ponte pela qual a Itália musical deixou de ser a 'pátria do melodrama' para se transformar na *nazione della musica*. Da sociedade burguesa nova, nascida da independência recente, surgiu um teatro lírico que ➤

BIBLIOGRAFIA

22
ANOS
AVMAG

retirava da realidade cotidiana não a sublimação idealista dos heróis, mas sim a sua condição mais humana, com toda a feiura e a vulgaridade que pudessem conter. Aproveitando o rendimento comercial a que o gênero era propício, os editores estimularam a criação de obras ligadas ao realismo musical. Surge, então, no cenário da ópera, **Giacomo Puccini** (1858-1924). A sua inclusão na chamada ‘escola verista’, e de outros autores operísticos mais significativos na transição do século, como Giordano e Cilea, foi mais coincidência de épocas criativas do que afinidade com as linhas traçadas pela *Cavalleria Rusticana*. É certo que, devido à natureza de sua inspiração, Puccini se sentiu bem cantando a realidade dos seres que amam e sofrem com uma simplicidade cotidiana. Mas, para chegar a ser um discípulo do Verismo, esse estado de espírito teria que passar pelo caminho do sórdido e do violento, e isso não se coadunava com um músico sensível, romântico e apaixonado pelas suas heroínas. Por outro lado, existiu um obstáculo importante que impediu essa passagem - a inteligência ou a intuição de Puccini levaram-no a compreender que a obra-prima do Verismo já fora escrita. Desse modo, Puccini aproximou-se do teatro realista com um sentido naturalista temperado pela sua fantasia plena de belos toques poéticos. Suas primeiras óperas conheceram o sucesso apenas moderado, mas as três que se seguiram, *La Bohème*, *Tosca* e *Madame Butterfly*, entra-ram imediatamente para o repertório internacional, permanecendo, desde então, entre as óperas mais populares jamais compostas. A combinação de uma melodia simples com um forte sentido de drama constitui o dom especial de Puccini. Foi, talvez, o compositor mais naturalmente operístico que houve. Sua biografia é uma história de começos modestos, de triunfos fabulosos e lucros imensos; e um triste fim, na solidão, em companhia de uma doença terrível - morreu com câncer na laringe. Puccini descreveu uma vez sua vida como uma perpétua busca de ‘mulheres belas e de bons libretos’, por certo que era um conquistador, pois teve muitas amantes, e os libretistas nunca o deixaram mal. O ambiente de suas óperas vai do Ocidente selvagem até o Japão ou à lendária China.

As histórias das óperas de Puccini são como as dos filmes populares ou das novelas - elas mostram claramente quem são os vilões e as vítimas, qual é o enredo e como vai terminar; o interesse do espectador se concentra, principalmente, nos personagens e nas locações inusitadas em que os acontecimentos tomam lugar. Por si mesmas, as histórias são fracas. O que faz delas obras-primas é o modo como a música de Puccini constantemente relembraria à plateia os sentimentos e os destinos dos personagens, transmitindo a ela emoções que, às vezes, os próprios personagens não percebem (por exemplo, quando Rodolfo, em *La Bohème*, canta para Mimi ‘Che Gelida Manina’ - ‘Que Mãozinha Gelada’ - , a música deixa claro que ela está morrendo e que seu amor está condenado e, com

isso, o público se preocupa com os personagens de uma forma que as simples palavras não seriam capazes). Foi nisso, principalmente, que Puccini se distinguiu - criou o pressentimento dramático e a expectativa febril do desenlace (é o que, atualmente, denominamos de ‘suspense’). É preciso ter gênio para manter com eficácia um clima de incerteza ou de angústia diante de um público geralmente informado sobre o desenlace do drama, e isso com meios puramente musicais. Também, o que dá força às óperas de Puccini é a intensidade da música, acrescida de melodias emotivas, sinceras e confidentes (um excelente exemplo é ‘Um Bel Dí Vedremo’ - ‘Um Belo Dia Veremos’, uma ária que Madame Butterfly canta de coração partido). Com motivos curiosíssimos, consegue introduzir uma tensão dramática, uma angústia que ele parece compartilhar. Basta um traço do caráter do personagem para que a música alcance o máximo de intensidade, o traço que o faz agir - amor, vingança, crueldade, coragem, desespero e fidelidade.

A empatia emocional das óperas de Puccini sempre cativa o coração dos ouvintes, os quais visualizam, perfeitamente, os cantores no palco e o regente à frente da orquestra; apesar disso, eles esquecem que os personagens são parte de um drama, e acreditam neles como se fossem gente real. *Manon Lescaut* (1893) foi o seu primeiro sucesso e, por seu tema e violência emocional, lembra *La Traviata* - a história de uma prostituta que se redime. Essa concentração na caracterização psicológica da heroína será uma constante nas obras famosas da fase tardia. *La Bohème* (1896) é sobre artistas na Paris da década de 1890, com uma jovem moribunda e o poeta que a ama; *Tosca* (1900) se passa em Roma, durante a revolução de 1800, e seus personagens incluem um sádico chefe de polícia, um suspeito de terrorismo e a cantora que o ama; *Madame Butterfly* (1904) apresenta o amor patético de uma jovem japonesa por um insensível oficial da marinha norte-americana; *La Fanciulla del West* (*A Garota do Oeste*, 1910), escrita especialmente para o público norte-americano, apresenta, como diz o título, uma ópera-western; *Gianni Schicchi* (1918), uma curta ópera cômica, talvez sua obra-prima, diz respeito de um homem carente que finge estar morrendo para que sua família e vizinhos o amem mais. O último trabalho de Puccini, *Turandot* (1924), sobre uma princesa chinesa de contos de fada, ficou incompleto e foi terminado por Franco Alfano; nessa obra, tal como em outras do compositor, o drama carregado de paixão erótica, ternura, *pathos* e desespero combina-se com uma música de originalidade melódica que nos deixa sem respiração. O estilo de Puccini pode ser representado por algumas árias famosíssimas - além das duas mencionadas acima, temos ‘O Mio Babbino Caro’ (‘Ó Meu Pai Querido’), de *Gianni Schicchi*, e ‘Nessun Dorma’ (‘Que Ninguém Durma’), de *Turandot*.

Venha conhecer o maior acervo high-end vintage, LPs e CDs audiófilos do Brasil!



HIGH-END - HOME-THEATER



SEÇÃO VINTAGE



DVDs - CDs - LPs - AUDIÓFILOS

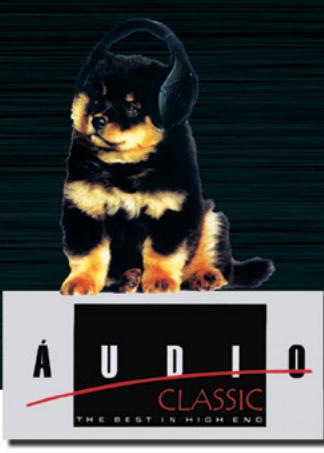


A Áudio Classic possui as melhores opções em produtos High-End novos e usados. Seu upgrade é nosso objetivo!



REVENDEDOR AUTORIZADO:

- Accuphase • ASR • Audio Flight • Audio Physic
- Audiopax • Avance • B&W • Burmester • darTZeel
- dCS • Dr. Feickert Analogue • Dynaudio • Esoteric
- Evolution • Goldmund • Jeff Rowland • Kharma
- Krell • Kubala-Sosna • McIntosh • MSB Technology
- Pathos • Sonus Faber • Transparent • Von Schweikert Audio
- VTL • Wilson Audio • YG Acoustics



Rua Eng. Roberto Zuccolo, 555 - Sala 94 - São Paulo/SP
No ITM-EXPO, junto ao Cebolão/ Ponte dos Remédios/ CEAGESP
Tel.: 11 2117.7512 / 2117.7200

WWW.AUDIOCLASSIC.COM.BR
AUDIOCLASSIC@AUDIOCLASSIC.COM.BR

DISCOGRAFIA SELECIONADA

Rossini

- **Aberturas de Óperas:** Reiner / Chicago Symphony Orchestra - Sony (RCA 'Living Presence') 768964-2 ou Giulini / Philharmonia O. - EMI 0852042.

- **O Barbeiro de Sevilha:** Patanè/Bartoli/Fissore/Orchestra e Coro del Teatro Comunale di Bologna - Decca 425520-2 (3 CDs) ou Bruscantini / Los Angeles / Royal PO / Gui / EMI 567762-2 (2 CDs).

- **La Cenerentola (Cinderela):** Chailly / Bartoli / Matteuzzi / Orchestra e Coro del Teatro Comunale di Bologna - Decca 'The Opera Company' 4783456 (2 CDs) ou Abbado / Berganza / London SO - DG 459448-2 (2 CDs).

- **Guilherme Tell:** Gardelli / Caballé / Gedda / Mesplé / Bacquier / Royal Philharmonic Orchestra - EMI 'Home of Opera' 640763-2 (4 CDs) ou Chailly / Pavarotti / Freni / Milnes / National PO (versão em italiano) - Decca 475772-3 (4 CDs).

- **L'Italiana in Algeri:** Lópes-Coboz / Larmore / Giménez / Orch. de Chambre de Lausanne - Teldec 17130-2 (2 CDs).

- **Il Viaggio a Reims:** Abbado / McNair / Ramey / Berliner Philharmoniker - Sony 785568-2 (2 CDs).

- **Tancredi:** Zedda / Podles / Jo / Olson / Collegium Instrumentale Brugense - Naxos 8.660037-38 (2 CDs).

- **La Boutique Fantasque:** Ansermet / London SO / Somm 027.

- **Péchés de Vieillesse ('Bolero Tartare' Vol. 6):** Giacometti (piano) - Channel Classics SACD 22705.

- **Stabat Mater:** Chung / Orgosanova / Bartoli / Wiener Philharmoniker - DG 449178-2 ou Hickox / London S.O. - Chandos 8780.

- **Petite Messe Solennelle:** King / The King's Consort - Hyperion 67570 ou Moesus / Stuttgart Chamber Ensemble - Tacet 14 (2 CDs).

Donizetti

- **Don Pasquale:** Muti / Bruscantini / Freni / Nucci / Winberg / Ambrosian Choral / Philharmonia Orchestra - EMI 640690-2

ou Rossi / Bruscantini / O. S. y Coro da RAI / Opera Magic's 24127 (2 CDs).

- **Lúcia de Lammermoor:** Karajan / Callas / Di Stefano / Panerai / Zaccaria / Rias S. O. Berlin / Coro del Teatro alla Scala di Milano - EMI 566441-2 (2 CDs) ou Bonynge / Sutherland / Pavarotti / Orch. and Chor. of Royal Opera House Covent Garden - Decca 4783045 (2 CDs).

- **L'Elisir d'Amore:** Bonynge / Sutherland / Pavarotti / English Chamber Orch. - Decca 4757514 (2 CDs).

Bellini

- **Norma:** Bonynge / Sutherland / Horne / Alexander / Cross / London Symphony Orchestra and Chorus - Decca 470413-2 (3 CDs) ou Serafin / Callas / Filippeschi / Orch. y Chor. del Teatro alla Scala di Milano - EMI 562642-2 (3 CDs), 1954.

- **A Sonâmbula:** Bernstein / Callas / Valletti. La Scala, Milan Chorus and Orchestra - EMI 567906-2 (2 CDs) ou Bonynge / Sutherland / Monti / Chor. and Orch. of de Maggio Musicale Fiorentino - Decca 'eloquence' 476256-2 (2 CDs) ou Decca 'Grand Opera' 448966-2 (2 CDs), 1962.

- **I Puritani:** Serafin / Callas / Monti / Orch. y Chor. del Teatro alla Scala di Milano - EMI 556278-2 (2 CDs).

Gounod

- **Fausto:** Plasson / Studer / Leech / van Dam / Hampson / Choeurs et Orchestre National de Capitole de Toulouse - EMI 966773-2 (3 CDs).

Bizet

- **Carmen:** Abbado / Berganza / Domingo / Milnes / The Ambrosian Singers / London Symphony Orchestra - DG 'The Originals' 477534-2 (2 CDs) ou Beecham / Los Angeles / Gedda / Ch. et Orch. Nat. Radiodiffusion Française - EMI 557478-2 (3 CDs).

- **Suites de L'Arlésienne. Sinfonia em Dó Maior:** Beecham / Orch. National de la Radiodiffusion Française / Royal Philharmonic Orchestra - EMI 567231-2.

DISCOGRAFIA SELECCIONADA

Massenet

- **Manon**: Pappano / Gheorghiu / Alagna / Orchestre Symphonique e Choeurs du Théâtre de la Monnaie, Bruxelles - EMI 456389-2 (3 CDs).

- **Thaïs**: Abel / Fleming / Hampson / Orch. Nat. Bordeaux Aquitaine - Decca 466766-2 (2 CDs).

- **Werther**: Jurowski / Vargas / Kasarova / Deutsche Symphonie-Orchester Berlin - RCA 74321 58224-2 (2 CDs).

Offenbach

- **Orfeu nos Infernos**: Minkowski / Dessay / Beuron / Fouchécourt / Naouri / Gens / Podles / Chœur et Orchestre de l'Opéra de Lyon - EMI 948233-2 (2 CDs).

- **A Bela Helena**: Minkowski / Lott / Beuron / Les Musiciens du Louvre-Grenoble - Virgin 5454772 (2 CDs).

- **Os Contos de Hoffmann**: Nagano / Alagna / van Dam / Dessay / Orch. et Chœur de L'Opéra de Lyon - Erato 2564672665 (3 CDs).

Sullivan

- **O Mikado**: Mackerras / Adams / Johnson / Suart / Choir and Orch. of Welsh National Opera - Telarc 80284.

- **H.M.S. Pinafore**: Mackerras / Suart / Allen / Schade / Choir and Orchestra of Welsh National Opera - Telarc 80374.

Johann Strauss II

- **O Morcego**: Karajan / Schwarzkopf / Gedda / Philharmonia Orchestra - EMI 966844-2.

- **O Barão Cigano**: Ackermann / Schwarzkopf / Gedda / Philharmonia Orchestra & Chorus - EMI 567535-2 (2 CDs) ou Naxos Historical 8111329-30 (2 CDs).

Lehár

- **A Viúva Alegre**: von Matacic / Schwarzkopf / Gedda / Philharmonia Chorus and Orchestra. EMI 747178-8 (2 CDs) ou Gardiner / Studer / Skovhus / Wiener Philharmoniker - DG 439911-2.

Mascagni

- **Cavalleria Rusticana**: Levine / Scotto / Domingo / Ambrosian Chorus / National PO - Sony 88697576572 ou Serafin / Callas / Stefano / Coro e Orchestra del Teatro alla Scala di Milano / (+ I Pagliacci) - EMI 640722-2 (2 CDs).

Leoncavallo

- **I Pagliacci**: Chailly / Cura / Frittoli / National Children's Choir / Netherlands Radio Choir / Royal Concertgebouw O. - Decca 467086-2 ou Karajan / Bergonzi / Carlyle / Coro e Orchestra del Teatro alla Scala di Milano - DG 'Originals' 449727-2.

Puccini

- **Manon Lescaut**: Sinopoli / Freni / Domingo / Chorus of Royal Opera House Convent Garden / Philharmonia O. - DG 4776354 (2 CDs) ou Serafin / Callas / Stefano - EMI 640754-2 (2 CDs).

- **La Bohème**: Karajan / Freni / Pavarotti / Berliner Phil. - Decca 431049-2 (2 CDs) ou Beecham / Los Angeles / Björling / RCA Victor Chorus & Orchestra - Naxos Historical 8111249-50 (2 CDs).

- **Tosca**: Sabata / Callas / Stefano / Gobbi / Coro e Orchestra del Teatro alla Scala di Milano - EMI 966815-2 (2 CDs) ou Karajan / Price / Stefano / Taddei / Wiener S. Oper Chorus / Wiener Phil. - Decca 'The Originals' 475752-2 (2 CDs).

- **Madame Butterfly**: Karajan / Freni / Pavarotti / Ludwig / Wiener S. Oper Chorus / Wiener Phil. - Decca 417577-2 (3 CDs) ou Barbirolli / Scotto / Bergonzi / Orchestra e Coro del Teatro dell'Opera di Roma - EMI 567885-2 (2 CDs).

- **Gianni Schicchi**: Santini / Gobbi / Los Angeles / Orchestra e Coro del Teatro dell'Opera di Roma (+ **Suor Angelica** e **Il Tabarro**) - EMI 212714-2 (3 CDs).

- **Turandot**: Mehta / Sutherland / Pavarotti / John Aldis Choir / London PO - Decca 414274-2 (2 CDs) ou Pradelli / Nilsson / Corelli / Scotto / Orchestra e Coro del Teatro dell'Opera di Roma - EMI 769327-2 (2 CDs).



Teatro La Fenice - Veneza - Itália

A ÓPERA NO SÉCULO XIX - PARTE I



Christian Pruks
christian@clubedoaudio.com.br

PRINCIPAIS COMPOSITORES



Gioachino Rossini: nascido em Pesaro, na costa do Mar Adriático, na Itália, em 1792, de uma família de músicos com os quais começou bem cedo sua educação musical. Logo se mudou para Bologna, onde ficava aos cuidados de um açougueiro, enquanto seu pai viajava tocando nas várias orquestras dos teatros onde sua mãe cantava. Estudou com Giuseppe Prinetti, depois com Angelo Tesei, compondo sonatas para cordas já aos 12 anos de idade, e sua primeira ópera aos 14 anos - que só foi apresentada quando tinha 20 anos - e aos 21 anos já era um ídolo da ópera italiana. Aos 23 anos foi diretor artístico do Teatro di San Carlo e do Teatro del Fondo, ambos em Nápoles. Nos oito anos seguintes produziria 20 óperas, com grande sucesso de público e vários rivais e inimigos. Aos 30 anos casou-se com a cantora Isabella Colbran. Logo passou um período bem remunerado em Londres e, depois, em Paris, retornando à Bologna em 1827. De volta a Paris, ficou anos afastado da música, e se tornou famoso também por sua segunda paixão: a culinária. Rossini faleceu em 1868, aos 76 anos, em Paris.



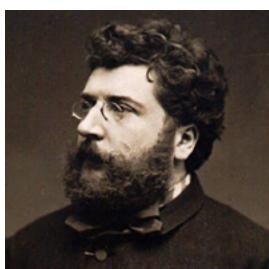
Vincenzo Bellini: nascido em Catania, na Sicília, em 1801. Filho prodígio de uma família musical, suas primeiras composições apareceram aos seis anos de idade. Aos 18 anos foi estudar no Conservatório de Nápoles, pago pelo Município de Catania, estudando tanto os mestres napolitanos quanto as obras de Haydn e Mozart e, em 1822, entrou para a classe de Nicolò Zingarelli. Já saiu do Conservatório produzindo sua primeira ópera, Adelson e Salvini. Em 1827 mudou-se para Milão, onde produziu suas principais obras, ficando até 1833; depois foi a Londres e, voltando para Paris, não mais retornou à Milão, falecendo repentinamente, nove meses antes da estreia de sua última obra, I Puritani, no auge do sucesso, de uma aguda inflamação no intestino, em 1835. Foi enterrado no cemitério Père Lachaise de Paris, mas em 1876 seus restos mortais foram transferidos para a Catedral de Catania.



Gaetano Donizetti: nascido em Bérgamo, na Itália, em 1797, de uma família muito pobre e sem nenhuma tradição musical. Porém, ainda jovem, recebeu instrução musical do compositor alemão Simon Mayr, que havia se tornado mestre de capela em Bérgamo. Em 1806, como bolsista na escola Lezioni Caritatevoli, em Bérgamo, teve lições de fuga e contraponto. Após algumas encomendas e pequenas composições, lhe foi oferecido um contrato para compor em Nápoles. Compondo, depois, em Roma, Milão e Nápoles, obteve sucesso internacional após 1830, consolidando sua reputação e fazendo-o seguir os passos de Rossini, indo para Paris, mas logo retornando à Nápoles, onde produziu sua obra-prima, Lúcia de Lammermoor. Nos anos seguintes foi chamado para trabalhar tanto na Itália como na França, mudando-se depois para Paris por problemas com a censura religiosa de uma de suas obras. Passou os últimos anos de sua vida em Bérgamo lutando contra a insanidade, falecendo em 1848.



Johann Strauss II: nascido em St. Ulrich, próximo a Viena, na Áustria, em 1825, filho do compositor Johann Strauss I, famoso por obras como a Marcha Radetzky. Estudou violino secretamente, pois o pai não queria que ele fosse músico. Aprendeu harmonia e contraponto em uma escola privada, com Joachim Hoffmann, e depois com Joseph Drechsler e Anton Kollmann, que trabalhava na Ópera de Viena. Estreou tocando, contra a vontade do pai, no Cassino Dommayer, em Hietzing, recebendo boas críticas. Porém, os primeiros anos como compositor foram bastante difíceis, sendo seu primeiro grande trabalho assumir como mestre de capela o 2º Regimento dos Cidadãos de Viena. A rivalidade com o pai perdurou até 1849, com a morte dele. Em 1853 teve um esgotamento nervoso, ausentando-se da música por um período. Dois anos depois foi tocar na Rússia, onde voltou anualmente pelos dez anos seguintes, assim como viajou aos EUA na década de 1870. Faleceu em consequência de pneumonia, em Viena, aos 73 anos de idade.



Georges Bizet: nascido em Paris, em 1838. Filho único, estudou as notações musicais básicas ainda criança, com sua mãe, que também lhe deu aulas de piano. Aprendeu a cantar e memorizar canções, assim como desenvolveu a habilidade de identificar e analisar estruturas musicais complexas. Em 1848 entrou para o Conservatório de Paris, onde teve uma carreira estudantil brilhante, ganhando prêmios e sendo reconhecido como um pianista excepcional. Ganhou um prêmio de ópera para jovens compositores, organizado por Jacques Offenbach. Considerava Rossini como um dos grandes, juntamente com Mozart. Ganhou o Prix de Roma de 1857 com a cantata Clovis et Clotilde e, como exigência do prêmio, passou os dois anos seguintes em Roma, onde compôs sua única música religiosa, um Te Deum. De volta a Paris, teve dificuldades de fazer sucesso até depois da Guerra Franco-Prussiana, com a ópera Djamiléh. Apesar das grandes atrasos na produção de sua obra-prima Carmen, em 1875, Bizet falece repentinamente, sem saber do sucesso que se tornaria a ópera.



BIBLIOGRAFIA

22
ANOS
AVMAG



Arthur Sullivan: nascido em Londres, em 1842, de pai professor de música e mestre da Banda da Academia Real Militar de Sandhurst. Aos oito anos de idade Sullivan já compunha e tinha fluência em vários dos instrumentos da banda, mas mesmo assim foi desencorajado pelo pai. Porém, seu talento floresceu sob o treinamento do Reverendo Thomas Helmore, mestre do coro. Aos 14 anos recebeu a Bolsa Mendelssohn na Royal Academy of Music e, depois no Conservatório de Leipzig, graduando-se com a música incidental para a peça *A Tempestade*, de Shakespeare. Seguiu uma carreira de compositor, suplementada por ganhos como organista e professor de música. Seus trabalhos mais conhecidos são as várias óperas compostas em parceria com os libretos de W. S. Gilbert, de enorme sucesso. Sir Arthur Sullivan colecionou várias honrarias em vida, incluindo a de Doutor Honoris Causa em Música, pelas Universidades de Oxford e Cambridge. Faleceu no ano de 1900.



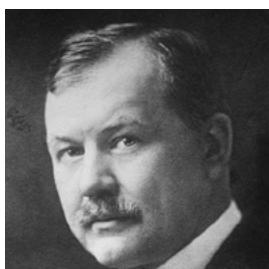
Pietro Mascagni: nascido em Livorno, na Itália, em 1863, filho de um padeiro. Começou seus estudos aos 13 anos com Alfredo Soffredini, no Instituto Musicale di Livorno. Quatro anos depois já havia composto várias obras, como a Primeira Sinfonia, Gloria e Ave Maria. Apesar de ser conhecido por poucas obras, Mascagni compôs quinze óperas, uma operetta e várias obras orquestrais e para piano. Sua carreira foi de grande sucesso, tanto como compositor quanto como maestro de suas obras. Casou-se com Lina Carbognani em 1889, com quem teve três filhos. Na década seguinte, teve sua obra, especialmente a ópera *Cavalleria Rusticana*, apresentada por toda a Itália e por várias partes da Europa. Faleceu em 1945 em seu apartamento no Hotel Plaza, em Roma. Em 1951 seus restos mortais foram transferidos para sua terra natal, Livorno.



Ruggero Leoncavallo: nascido em Nápoles, em 1857, filho de um juiz de Direito. Após um período na Calábria, voltou a Nápoles, onde foi educado em música no Conservatório San Pietro a Majella. Após trabalhar como professor e tentar o sucesso, conheceu a ópera *Cavalleria Rusticana*, de Mascagni, que o inspirou a compor sua obra-prima, uma ópera do 'Verismo' chamada *I Pagliacci* que, em 1892, teve enorme sucesso em Milão e, até hoje, é normalmente apresentada junto com a *Cavalleria Rusticana* de Mascagni. Apesar de não obter mais o mesmo sucesso, viajou para os EUA com a orquestra do La Scala de Milão em 1906. Compôs uma ópera chamada *La Bohème*, mas seu sucesso foi ofuscado pela ópera de mesmo nome de Puccini. Leoncavallo foi libretista da maioria de suas óperas, e muitos o consideram o segundo melhor libretista da Itália, depois de Arrigo Boito, que trabalhou com Giuseppe Verdi. Leoncavallo faleceu em Montecatini Terme, na Toscana, em 1919.



Giacomo Puccini: nascido em Lucca, na Itália, em 1858, dentre sete irmãos. A família Puccini era praticamente uma dinastia musical na região, sendo que um de seus antepassados, homônimo, tinha sido mestre de capela da Catedral de San Martino, em Lucca, cargo depois ocupado pelo pai, avô e bisavô de Puccini, todos também compositores. Porém, com a morte do pai em 1864, Puccini tinha apenas seis anos e não pôde dar continuidade familiar no cargo. Sua educação musical se deu em Lucca, sob a supervisão de seu tio Fortunato Magi e, depois, no Conservatório de Milão. Em 1880, aos 21 anos, compôs sua Missa, continuando a dedicação da família à música religiosa. Considerado o melhor compositor italiano de ópera depois de Verdi, teve obras tanto embasadas no estilo tradicional italiano do século XIX como também obras no estilo do 'Verismo', realistas. Faleceu em consequência de um câncer na garganta em 1924, em Bruxelas.



Franz Lehár: nascido em Komárom, no Reino da Hungria, em 1870, então Império Austro-Húngaro e hoje parte da Eslováquia. Filho do líder da Banda do Regimento de Infantaria do Exército Austro-Húngaro, Lehár estudou violino e composição no Conservatório de Praga, sob conselhos do compositor Antonín Dvořák para que se focasse em composição. Após ter se formado, juntou-se à banda de seu pai em Viena, como assistente. Depois se tornou regente do histórico Theater an der Wien, em Viena. Com uma obra que inclui sonatas, poemas sinfônicos, marchas e valsas, Lehár é mais famoso por sua operetta *A Viúva Alegre*. Teve longa associação com o famoso tenor austríaco Richard Tauber, que cantou na maioria de suas operetas, algumas delas compostas especificamente para sua voz. Faleceu em 1948 em Bad Ischl, próximo a Salzburgo, na Áustria, onde foi enterrado.

LINHA DO TEMPO

- 1792 - Nasce Rossini.
- 1801 - Nasce Bellini.
- 1827 - Morre Beethoven.
- 1829 - Estreia a ópera Guilherme Tell, de Rossini, na Ópera de Paris.
- 1831 - Estreia a ópera Norma, de Bellini, no La Scala de Milão.
- 1835 - Morre Bellini.
- 1838 - Nasce Bizet.
- 1842 - Nasce o libretista e compositor italiano Arrigo Boito.
- 1858 - Nasce Puccini.
- 1859 - É inaugurada a primeira casa de ópera de Nova Orleans, em Louisiana, nos EUA.
- 1861 - Nasce a soprano australiana Nellie Melba.
- 1863 - Nasce Mascagni.
- 1868 - Morre Rossini.
- 1875 - Estreia a ópera Carmen, de Bizet. No mesmo ano o compositor falece.
- 1880 - Estreia a obra The Pirates of Penzance, de Gilbert & Sullivan.
- 1883 - É fundada a Metropolitan Opera Association, em Nova York. Morre Richard Wagner.
- 1890 - Estreia a Cavalleria Rusticana, de Mascagni, em Roma.
- 1891 - É inaugurado o Carnegie Hall, em Nova York.
- 1892 - Estreia I Pagliacci, de Leoncavallo, em Milão.
- 1900 - Estreia a ópera Tosca de Puccini, em Roma. Morre Sir Arthur Sullivan.
- 1905 - Estreia a operetta A Viúva Alegre, de Lehár, em Viena.
- 1924 - Morre Puccini.
- 1945 - Morre Pietro Mascagni.
- 1948 - Morre Franz Lehár.

CURIOSIDADES

- Apesar do papel de Amina, da ópera A Sonâmbula, ter sido escrito por Bellini originariamente para uma mezzo-soprano, a maioria das gravações da obra feitas no século XX usou uma soprano no papel. A primeira mezzo-soprano a gravar como Amina foi Cecilia Bartoli.

- A denominação ‘Verismo’ era de origem italiana, aplicada principalmente a algumas óperas de Puccini, Mascagni e Leoncavallo. A ópera Carmen, do francês Georges Bizet, é também considerada do ‘Verismo’.

- Leoncavallo afirmava que a história de sua ópera I Pagliacci era baseada em um incidente de sua infância, quando Gaetano D'Alessandro matou um empregado da família dele, chamado Gaetano Scavello, em uma história que envolvia um triângulo

amoroso dos dois com uma garota do vilarejo.

- Após o libreto de I Pagliacci ter sido traduzido para o francês, o escritor Catulle Mendès acusou Leoncavallo de plágio por causa da similaridade da ópera com sua peça de teatro La Femme de Tabarin. O processo foi encerrado por Mendès após ele mesmo ter sido acusado de plagiar a peça Un Drama Nuevo, de Don Manuel Tamayo y Baus, que também continha um enredo semelhante.

- A abertura do Barbeiro de Sevilha, de Rossini, foi também usada pelo compositor, originalmente, na ópera Aureliano in Palmira e, posteriormente, em Elisabetta, Regina D'Inghilterra.

- Rossini era conhecido por seu estilo rápido de compor, tanto que a ópera O Barbeiro de Sevilha foi completada em menos de três semanas.

CURIOSIDADES

- Devido às suas melodias inspiradas, Rossini foi apelidado de 'O Mozart Italiano'.

- O pai de Rossini simpatizava com os ideais da Revolução Francesa e chegou a receber as tropas de Napoleão Bonaparte quando elas chegaram ao norte da Itália. Depois, quando o regime austríaco foi restabelecido, ele foi mandado à prisão por dois anos.

- Rossini, quando jovem, foi estudar cravo com Giuseppe Prinetti, a quem ele via como ridículo porque ganhava a vida vendendo cerveja e tinha uma propensão a dormir em pé.

- Em 1822, Rossini conseguiu conhecer Beethoven - que já estava com 51 anos, surdo e com a saúde debilitada. Comunicando-se por escrito, Beethoven lhe disse: 'Ah, Rossini. Então você é o compositor de Barbeiro de Sevilha. Eu lhe parabenizo. Essa ópera continuará a ser apresentada enquanto existirem óperas italianas. Nunca tente escrever nada que não seja ópera buffa, pois qualquer outro estilo será uma violência contra a sua natureza'.

- Houve certa especulação sobre a sexualidade de Bellini, pois, apesar dele ter tido vários casos com mulheres casadas, recusava-se a ter qualquer compromisso, e sabe-se que ele tinha uma relação muito forte com Francesco Florimo, apesar de nunca ter sido confirmado se essa relação era física ou não.

- Trabalhando como regente, Donizetti regeu a estreia do Stabat Mater, de Rossini.

- Após a morte de sua esposa, Donizetti começou a apresentar sintomas de sífilis e transtorno bipolar, passando seus últimos três anos de vida lutando contra a insanidade.

- Johann Strauss II, ou Johann Strauss Filho, era conhecido em vida, em Viena, como o 'Rei das Valsas', repertório que incluía a mundialmente famosa O Danúbio Azul.

- O pai de Strauss, Johann Strauss I, não queria que seu filho fosse músico, e quando descobriu que ele estava estudando violino, deu-lhe uma tremenda sova. Apenas depois que o pai largou a

família para ficar com a amante é que Johann Strauss II conseguiu dedicar-se à carreira de músico e compositor para poder, entre outras coisas, sustentar sua mãe. Pai e filho foram músicos rivais por toda a vida.

- Devido à sua precocidade, os pais de Bizet queriam matrículá-lo no Conservatório de Paris; porém, ele tinha nove anos e a idade mínima para admissão era de dez anos. Entretanto, ao avaliar suas habilidades, decidiram colocar a regra de lado e aceitá-lo assim que uma vaga estivesse livre.

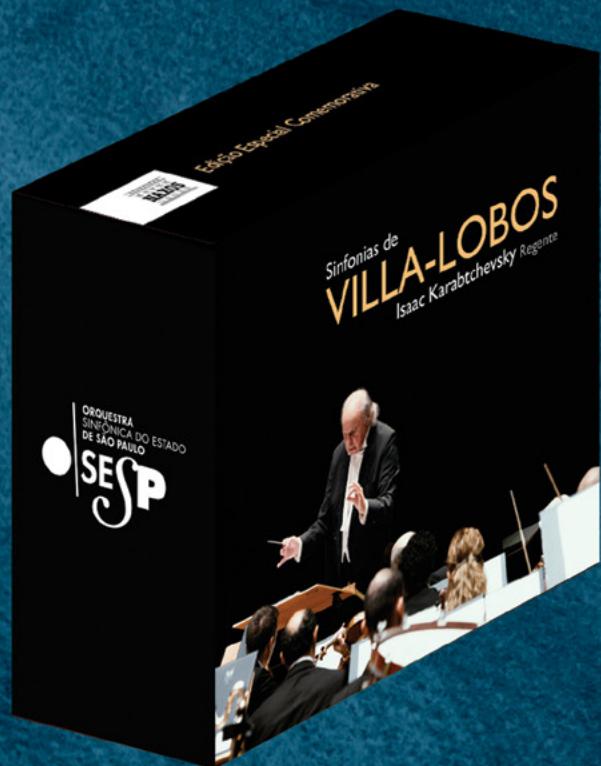
- Bizet era reconhecido como um pianista excelente, mas escolheu não capitalizar em cima dessa habilidade, portanto raramente apresentava-se em público. Após quase três anos na Itália, ao retornar a Paris descobriu que os teatros não queriam óperas de novos compositores, e que suas composições para orquestra e piano eram igualmente ignoradas. Para sobreviver, trabalhou transcrevendo a música de outros compositores.

- O compositor inglês Arthur Sullivan, quando faleceu de um ataque cardíaco no ano de 1900, havia pedido para ser enterrado ao lado de seus pais e do irmão, mas, por ordem da Rainha Vitória, foi enterrado na Catedral de St. Paul, em Londres.

- Fumante inveterado, Puccini, no fim de sua vida, começou a reclamar de dores de garganta crônicas e foi diagnosticado com câncer de garganta. O tratamento, então experimental, com radiação, causou-lhe complicações e ele veio a falecer. A notícia de sua morte chegou à Roma no meio de uma apresentação de sua ópera La Bohème, a qual foi interrompida e a plateia consternada assistiu a orquestra tocar a Marcha Fúnebre de Chopin.

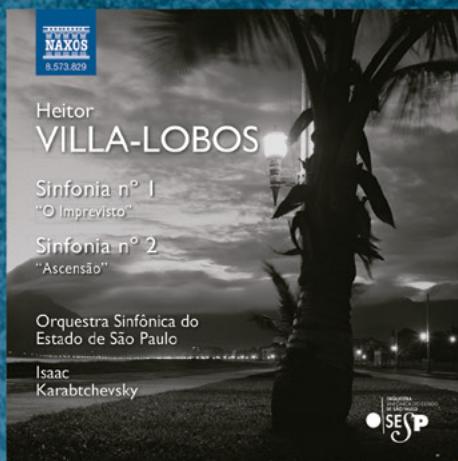
- Lehár teve uma relação complicada com o Partido Nazista, já que seus libretistas eram judeus e sua mulher tinha sido judia, tendo-se convertido ao catolicismo quando se casaram. Porém, Hitler gostava da música de Lehár, e ele acabou por receber 'honrarias' como a de 'Ehrenarbeiter' (ariano honorário por casamento) e a Medalha Goethe, esta entregue pessoalmente por Hitler.

CAIXA ESPECIAL
VILLA-LOBOS



Confira o mais novo lançamento da OSESP, em parceria com a Naxos e Movieplay, em comemoração ao encerramento das gravações da integral *Sinfonias de Villa-Lobos*. Foram sete anos de trabalho, que incluiu resgate e revisão das partituras, ensaios e gravação para o lançamento em CD.

Heitor VILLA-LOBOS - Sinfonia nº 1 e 2



Um método característico de construção sinfônica já está aqui em operação: o ornamentado acorde inicial dá a largada para motivos principais e um ostinato, que provavelmente veio da imaginação do compositor, mas que “registra” em nossos ouvidos como ritmo folclórico, serve de pano de fundo a uma sucessão de novas ideias, reunidas em grupos temáticos bem delineados, que alternam contemplação, lirismo e atividade frenética.

OUÇA TRINTA SEGUNDOS DE CADA FAIXA, DO NOVO CD HEITOR VILLA-LOBOS, SINFONIAS N° 1 E 2:

- Faixa 01
- Faixa 02
- Faixa 03
- Faixa 04
- Faixa 05
- Faixa 06
- Faixa 07
- Faixa 08

www.movieplay.com.br
movieplay@movieplay.com.br

/movieplaydigital
 @movieplaybrasil
 "movieplaydigital"
(11) 3115-6833

Já disponível nas melhores lojas do Brasil.

movie play
DIGITAL MUSIC



A ÓPERA NO SÉCULO XIX - VOL. 10

XX Christian Pruks
christian@clubedoaudio.com.br

Um dos repertórios mais ricos e extensos do mundo da música erudita do século XIX é o das óperas, principalmente em se tratando de compositores italianos. Neste volume, com a obra de luminares da ópera como Rossini, Bellini, Bizet e Puccini, entre outros, em vez de nos dedicarmos às árias, interlúdios e aberturas famosas já belamente representadas em numerosas coletâneas comerciais do gênero operístico, inclusive

as várias focadas em seus mais brilhantes intérpretes já registrados em gravações, procuramos, no arquivo da gravadora Naxos, trechos que ilustrassem melhor os aspectos de cada composição, desde a arte dos solistas e coros até o trabalho da orquestra. Na próxima edição teremos um CD exclusivamente dedicado ao italiano Giuseppe Verdi e ao alemão Richard Wagner, dois dos maiores expoentes da ópera do século XIX. ➤



FAIXA 1 - GIOACHINO ROSSINI (1792 - 1868) - O BARBEIRO DE SEVILHA - ATO I, Nº 4: DUETTO: ALL'IDEA DI QUEL METALLO (1816) - (NAXOS 8.660027-29, DISCO 1, FAIXA 11)

Conta a história do barbeiro Figaro, que além de cuidar das aparências de nobres e plebeus, arranja casamentos, ouve confissões e espalha boatos, entre outras atividades. No Ato I, Figaro ajuda o amigo Conde Almaviva a cortejar sua amada, Rosina, tutelada do charlatão Dr. Bartolo, que tem outros planos para ela. É um dos mais conhecidos exemplos da 'ópera buffa', ou ópera cômica, composta por Rossini em 1816, com libreto de Cesare Sterbini baseado na comédia de mesmo nome do dramaturgo francês Pierre Beaumarchais, escrita em 1775. Beaumarchais também escreveu, em 1784, as Bodas de Figaro, obra na qual foi baseado o libreto da ópera homônima de Wolfgang Amadeus Mozart. O Barbeiro de Sevilha (originalmente 'O Barbeiro de Sevilha, ou a Precaução Inútil') estreou em Roma em 20 de fevereiro de 1816 com o título de 'Almaviva, ou a Precaução Inútil', e foi um enorme fracasso, graças à presença de vários inimigos e rivais de Rossini na plateia.

Aumer. A obra estreou no Teatro Cartano de Milão em 3 de março de 1831 e, no mesmo ano, iniciou em Londres e, quatro anos depois, em Nova York.



FAIXA 3 - GAETANO DONIZETTI (1797-1848) - LÚCIA DE LAMMERMOOR - PARTE II: ATO II, CENA 2: CESI... AHI CESI QUEL CONTENTO (1835) - (NAXOS 8.660255-56, DISCO 2, FAIXA 8)

Narra a história trágica de Lúcia, forçada a se casar com um homem que não ama, para salvar a sua família. No Ato II, Lorde Enrico engana Lúcia para que ela esqueça seu amado Edgardo, que é de uma família rival e havia viajado à França em uma missão política, e aceite seu casamento arranjado com Arturo. Porém, Edgardo está de volta para tentar impedir o casamento arranjado. A obra foi composta em 1835, com o libreto escrito por Salvadore Cammarano e baseado no romance histórico The Bride of Lammermoor, do escritor escocês Sir Walter Scott. Donizetti escreveu Lúcia de Lammermoor em um momento onde sua reputação como compositor de ópera estava em alta na Itália, graças em parte ao fato de que Rossini havia se aposentado e Bellini era recém-falecido.



FAIXA 2 - VINCENZO BELLINI (1801-1835) - A SONÂMBULA - ATO I, CENA 1: RECITATIVO E CAVATINA - DOMANI, APPENA AGGIORNI (1831) - (NAXOS 8.660042-43, DISCO 1, FAIXA 7)

No Ato I, passado em uma aldeia nos Alpes Suíços, a doce Amina fica noiva do agricultor Elvino; porém, no mesmo dia, aparece o poderoso Conde Rodolfo, que logo se interessa por Amina. E assim, instala-se o conflito entre os rivais Elvino e Rodolfo. Com libreto de Felice Romani, A Sonâmbula é uma das três obras mais famosas de Bellini, baseada em um cenário para um balé-pantomima de Eugène Scribe e Jean-Pierre



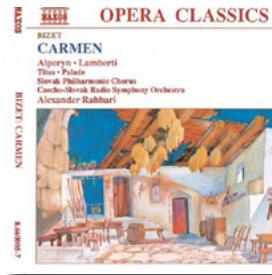
FAIXA 4 - JOHANN STRAUSS II (1825-1899) - O MORCEGO - ATO III, Nº 15: TERZETT - ICH STEHE VOLL ZAGEN (1874) - (NAXOS 8.660017-18, DISCO 2, FAIXA 11)

Convidado ao baile do Príncipe Orlofsky, Eisenstein, que deveria apresentar-se à prisão por desacato à autoridade, decide ir ao baile antes e entregar-se depois. Encontros, desencontros e confusões durante o baile permeiam o Ato II e continuam, depois, no Ato III, quando os personagens encontram-se na prisão. A opereta cômica teve seu libreto escrito por Karl Haffner e Richard Genée, baseada em duas obras: a farsa Das Gefängnis,

DISCOGRAFIA

22
ANOS
AVMAG

do roteirista alemão Julius Roderich Benedix, e a peça *Le Réveillon*, de Henri Meilhac e Ludovic Halévy. O Morcego estreou em Viena em 5 de abril de 1874, passando a fazer parte do repertório regular dos teatros de ópera.



FAIXA 5 - GEORGES BIZET (1838-1875) - CARMEN - ATO II: COUPLETS: VOTRE TOAST, JE PEUX VOUS LE RENDRE (1875) - (NAXOS 8.660005-07, DISCO 2, FAIXA 4)

Passada em Sevilha, na Espanha, na década de 1820, é a história da paixão atormentada entre a sedutora cigana Carmen e o ingênuo cabo do exército Don José. No Ato II, Carmen encontra José na taverna, este já totalmente seduzido e, logo, acompanhado de manifestações de júbilo, aparece em cena o famoso torreador Escamillo, que se interessa imediatamente por ela. Baseada na novela de mesmo nome de Prosper Mérimée, e com libreto de Henri Meilhac e Ludovic Halévy, *Carmen* foi composta por Bizet em 1875, estreando em Paris em 3 de março do mesmo ano. O compositor faleceu durante a turnê inicial de 36 apresentações, nunca chegando a conhecer o sucesso de sua obra. *Carmen* é um dos representantes mais conhecidos do gênero chamado ópera-comique, que é como são chamadas as óperas francesas com números musicais separados por diálogos.



FAIXA 6 - ARTHUR SULLIVAN (1842-1900) - HMS PINAFORE - ABERTURA (1878) - (NAXOS 8.554165, DISCO 1, FAIXA 3)

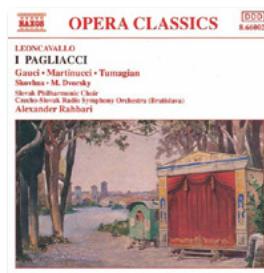
A história se passa no navio britânico *HMS Pinafore*, onde a filha do capitão, Josephine, se apaixona pelo marujo Ralph. Porém, seu pai, o capitão, tem planos de casá-la com Sir Joseph, o Primeiro Lorde do Almirantado. É uma ópera cômica composta por Sullivan em 1878, com libreto de W. S. Gilbert, com quem colaborou também em outras 13 ópe-

ras. A obra estreou em Londres em 25 de maio de 1878, tornando-se a segunda ópera mais apresentada na época, com um total de 571 apresentações. Por sua estrutura e estilo, juntamente com outras óperas de Sullivan, como *The Pirates of Penzance* e *The Mikado*, contribuiu muito para o desenvolvimento do teatro musical moderno.



FAIXA 7 - PIETRO MASCAGNI (1863-1945) - CAVALIERA RUSTICANA - PRELUDE: O LOLA, BIANCA COMO FIOR DI SPINO (1890) - (NAXOS 8.660022, DISCO 1, FAIXA 1)

Passada em uma vila operária da Sicília no século XIX, é a vibrante e melodramática história de amor, ódio e ciúmes de um triângulo amoroso entre a bela e insinuante Lola, o soldado Turiddu e Santuzza, que foi seduzida e espera um filho de Turiddu. A história inclui traições, tragédias e duelos, seguindo tradições sicilianas. Com o libreto de Giovanni Verga. Sua estreia deu-se em 17 de maio de 1890 no Teatro Costanzi, em Roma. Desde 1893 até hoje ela é normalmente apresentada em conjunto com *I Pagliacci*, de Ruggero Leoncavallo. A *Cavalleria Rusticana* é considerada um dos principais exemplos de ópera do 'Verismo', uma corrente baseada no realismo, na completa fé na razão e na ciência.



FAIXA 8 - RUGGERO LEONCAVALLO (1857-1919) - I PAGLIACCI - ATO I, CENA 3: DUET: SILIO! A QUEST' ORA (1892) - (NAXOS 8.660021, DISCO 1, FAIXA 10)

Ambientada na praça de um vilarejo da Calábria, na Itália, no dia 15 de agosto, dia da Festa da Assunção da Virgem Maria, inclui a presença de uma trupe de atores, e conta o drama dos amores desencontrados e proibidos do triângulo entre o irritadiço Canio - o pagliaccio - traído por ▶

sua esposa Nedda, e o aldeão Silvio, por quem ela se apaixonou e tornou-se seu amante. Com composição e libreto pelo próprio Leoncavallo, *I Pagliacci* é a única obra do compositor que é frequentemente apresentada até hoje. Estreou em 21 de maio de 1892 no Teatro Dal Verme de Milão, sob a regência do célebre Arturo Toscanini, que, dizem, não gostou da obra. Pouco tempo depois, na estreia em Londres, o papel principal de Nedda foi interpretado pela australiana Nellie Melba, uma das mais famosas sopranos da Era Vitoriana.



FAIXA 9 - GIACOMO PUCCINI (1858-1924) - MADAME BUTTERFLY - ATO III: TU, SUZUKI, CHE SEI (1904) - (NAXOS 8.660015-16, DISCO 2, FAIXA 21)

Ambientada no Japão do século XIX, mostra os dramas e choques culturais dos casamentos de conveniência, temporários, entre oficiais da marinha norte-americana e jovens mulheres japonesas, em um País até a pouco tempo isolado do resto do mundo. É a história de Cio-Cio-San, a Butterfly, e seu marido, o Tenente Pinkerton. No Ato III, após uma longa ausência, Pinkerton retorna ao Japão, só que com sua esposa 'oficial' norte-americana, Kate, e com consequências fatais! Parcialmente baseado na história de mesmo nome do escritor norte-americano John Luther Long, o libreto de Madame Butterfly foi escrito por Luigi Illica e Giuseppe Giacosa. Outra inspiração para o libreto foi o romance *Madame Chrysanthème*, do escritor francês Pierre Loti. Sua estreia foi em 17 de fevereiro de 1904 no La Scala de Milão, na primeira versão, com apenas dois atos. O segundo ato foi, depois, dividido em dois, com revisões e alterações pelo próprio Puccini e apresentado com grande sucesso em 28 de maio do mesmo ano em Brescia, na região da Lombardia.



FAIXA 10 - FRANZ LEHÁR (1870-1948) - A VIÚVA ALEGRE - ATO II: VILJA - LIED (1905) - (NAXOS 8.578037-38, DISCO 2, FAIXA 2)

É a história, passada no empobrecido e fictício Grão-Ducado de Pontevedro, sobre uma rica viúva e a tentativa de seus compatriotas de se apossarem de sua fortuna, arrumando o marido certo para ela. No Ato II, Hanna, a viúva, na celebração do aniversário do Grão-Duque, canta uma antiga canção pontevedriana, chamada Vilja. A opereta do compositor Austro-Húngaro Lehár, com libreto por Viktor Léon e Leo Stein, foi baseada na peça *L'Attaché D'Ambassade*, de 1861, do escritor francês Henri Meilhac. Tornou-se um extraordinário sucesso após sua estreia em 30 de dezembro de 1905, gerando, ao longo dos anos, versões em outras línguas e para balé e teatro, além de filmes e uma série de televisão.



FAIXA 11 - GIACOMO PUCCINI (1858-1924) - TURANDOT - ATO II, CENA 2: IN QUESTA REGGIA (1924) - (NAXOS 8.660089-90, DISCO 2, FAIXA 1)

Traumatizada com o estupro e assassinato da Princesa Lo-u-Ling da China por invasores tátaros, a Princesa Turandot odeia todos os homens. Como a tradição chinesa exige que se case por razões dinásticas, ela propõe três enigmas aos candidatos, e somente se casará com aquele que decifrar todos eles. No Ato III, diante da obstinação do príncipe desconhecido, Turandot declara, com desdém: 'Neste palácio (*In Questa Reggia*), já faz mais de mil anos, um grito desesperado ressoou; e aquele grito, da flor da minha estirpe, um eco eterno na minh'alma deixou. Princesa Lo-u-Ling!...'. Deixada inacabada por Puccini, à sua morte em 1924, Turandot, com libreto escrito por Giuseppe Adami e Renato Simoni, foi finalizada pelo compositor italiano Franco Alfano, que havia sido indicado pelo famoso maestro Arturo Toscanini para finalizar Turandot, devido ao seu próprio sucesso, em 1921, com a ópera *La Leggenda di Sakuntala*. A primeira apresentação de Turandot, em 25 de abril de 1926, no La Scala de Milão, sob a regência de Toscanini foi, entretanto, da ópera incompleta, somente com a música escrita pelo próprio Puccini. ■

DISCOGRAFIA

22
ANOS
AVMAG



PROMOÇÃO CD HISTÓRIA DA MÚSICA SINFÔNICA ÓPERA NO SÉCULO XIX - VOL. 10

A Editora AVMAG disponibilizará também para você esse mês, que não adquiriu na época de lançamento, este CD para quem enviar um e-mail para:

- revista@clubedoaudio.com.br -

O leitor apenas terá de pagar o frete + embalagem de Sedex.

NÃO PERCA ESSA OPORTUNIDADE!! - promoção válida até o término do estoque.

OUÇA UM MINUTO DE CADA FAIXA DO CD
HISTÓRIA DA MÚSICA - ÓPERA NO SÉCULO XIX - VOL. 10:

- ▶ Faixa 01
- ▶ Faixa 02
- ▶ Faixa 03
- ▶ Faixa 04
- ▶ Faixa 05
- ▶ Faixa 06
- ▶ Faixa 07
- ▶ Faixa 08
- ▶ Faixa 09
- ▶ Faixa 10
- ▶ Faixa 11

COLEÇÃO MUSICIAN

HISTÓRIA DA MÚSICA CLÁSSICA

A Editora AVMAG dará a oportunidade para você, que na época do lançamento, não conseguiu adquirir a coleção completa em CD.

Para isso, basta enviar-nos um e-mail, com essa solicitação.
O leitor apenas terá de pagar o frete + embalagem de SEDEX.

NÃO PERCA TEMPO!!!



Adquira já pelo e-mail
revista@clubedoaudio.com.br

EDITORAS
AVMAG



AV GROUP

Novo Contato:

📞 +55 11 3034-2954

contato@avgroup.com.br

avgroup.com.br

O AV Group traz ao Brasil a URC, uma das indústrias pioneiras em sistemas de controle e automação. Completo com controladoras, touchpanels, controles remotos Wi-Fi, sensores e sistemas de multi-room por IP a URC oferece uma solução completa para residências dos mais diversos padrões.

Todos os sistemas se integram nativamente com os sistemas de comando por voz Amazon Alexa e Google Assistant e com as mais respeitadas marcas do segmento como Lutron, Cool Automation, Sonos, Arcam, Emotiva, Lexicon, Zektor dentre outras.

Entre em contato e conheça mais sobre essa e outras marcas do nosso portfólio.

LUTRON.

JBL SYNTHESIS

**Cool
Automation**

**WOLF
CINEMA**

mark Levinson

RREVEL

**METRA
HOME THEATER GROUP**

SI

**EMOTIVA
AUDIO CORPORATION**

ZEKTOR

**REL
ACOUSTICS LTD.**

ARCAM

**NÓRDOST
MAKING THE CONNECTION**

lexicon



OUVIDO DE ALUGUEL

A primeira vez que escutei este termo eu tinha aproximadamente 11 anos de idade. Foi da boca de um cliente do meu pai, bastante falâstrão como muitos dos audiófilos que todos conhecemos! Sabe aquele audiófilo que diz já ter escutado tudo, e nada o convenceu a fazer um upgrade no seu sistema, que já completou mais de uma década de uso? O próprio! Era visível que meu pai não tinha a menor afinidade com ele, dando-se o direito de sempre ficar calado, para não ter que iniciar nenhum tipo de conversação, pois sabia que com ele só haveria monólogos!

Enquanto todos esperavam meu pai acabar de instalar a nova cápsula do anfítrio, eu, como de costume, ficava só ouvindo as conversas que rolavam naquele ambiente. Até que o falâstrão se irritou, e com voz alterada disse que para escolher seu sistema ele não teve que recorrer a nenhum ‘ouvido de aluguel’! Achei o termo tão interessante que fiquei contando os minutos para sair de lá e perguntar ao meu pai o que seria um ouvido de aluguel! Enquanto não tinha a resposta, fiquei imaginando o que especificamente um

ouvido de aluguel fazia: Será que ele ouvia sistemas e mais sistemas para ajudar alguém a escolher o melhor? Ou será que ele era pago para ajudar alguém com deficiência auditiva a entender uma obra musical? Fiquei imaginando como seria esse trabalho e se eu gostaria de fazê-lo!

Quando finalmente meu pai acabou seu serviço e o cliente se deu por satisfeito, não deixei nem ele ligar o carro e lhe fiz a pergunta: Afinal, o que era um ouvido de aluguel? Meu pai riu, balançou a cabeça e, como sempre, antes de responder, me fez uma outra pergunta: O que eu imaginava ser um ouvido de aluguel? Como já havia tido tempo suficiente para pensar a respeito, lhe disse que deveria ser um audiófilo que emprestava seus ouvidos para alguém com algum tipo de deficiência auditiva, com o único objetivo de ajudar. Meu pai ouviu a explanação e disse que a minha resposta era de certa forma uma ‘meia verdade’, pois haveria de existir audiófilos apenas interessados em ajudar outros audiófilos menos experientes ou ainda inseguros em montar seus sistemas, mas que infelizmente ➤

a realidade era bem diferente. Ele começou a me explicar que a grande maioria dos audiófilos que conhecia eram bastante inseguros e necessitavam de ter a ‘benção’ dos amigos também audiófilos, pois sem esse ‘aval’ eles inevitavelmente se sentiriam frustrados! E que infelizmente pela natureza humana ser muito competitiva e egoísta, o que era para ser um momento de puro prazer e deleite, muitas vezes se transformava em uma corrida insana para ver quem possuía o melhor sistema. Nesse clima de competição, os mais inseguros sempre lançavam mão de pedir a ajuda daqueles que ‘teoricamente’ tinham mais bagagem e conhecimento! E os audiófilos que recorriam a esse expediente eram taxados de ‘ouvido de aluguel’, o que pejorativamente queria dizer que eles não eram bons o suficiente para ‘andarem com suas próprias pernas’.

Após a longa resposta, só me restou uma última pergunta: O que meu pai achava disso? Depois de um longo silêncio, em que eu sabia que ele estava pensando nas palavras certas para me explicar seu ponto de vista, veio a resposta: ‘O problema, na minha opinião, não é pedir a ajuda de alguém quando nos sentimos inseguros ou com dúvidas. Acho até salutar e um gesto de humildade pedir que alguém que sabe mais do que nós nos oriente e diga-nos o seu ponto de vista. A questão é muito mais de saber se a pessoa a quem estamos solicitando uma mão é mesmo a pessoa certa! E ainda assim, mesmo que a sugestão seja muito correta e coerente, eu não abrira mão de tentar escolher pelo meu gosto, mesmo sabendo que posso cometer algum erro, pois não há melhor maneira de aprender. E para mim, a escolha de um sistema de áudio tem a mesma amplitude que escolher uma mulher para casar. E ninguém sai por aí pedindo a opinião dos amigos para saber se casa ou não casa com a mulher que escolhemos para passar o resto de nossas vidas!’



Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Fundador e atual editor / diretor das revistas Áudio Vídeo Magazine e Musician Magazine. É organizador do Hi-End Show (anteriormente Hi-Fi Show) e idealizador da metodologia de testes da revista. Ministra cursos de Percepção Auditiva, produz gravações audiôflias e presta consultoria para o mercado.

DIRETOR / EDITOR

Fernando Andrette

COLABORADORES

Antônio Condurú

Clement Zular

Guilherme Petrochi

Henrique Bozzo Neto

Jean Rothman

Juan Lourenço

Julio Takara

Marcel Rabinovich

Omar Castellan

RCEA * REVISOR CRÍTICO

DE EQUIPAMENTO DE ÁUDIO

Christian Prucks

Fernando Andrette

Rodrigo Moraes

Victor Mirol

CONSULTOR TÉCNICO

Victor Mirol

TRADUÇÃO

Eronildes Ferreira

AGÊNCIA E PROJETO GRÁFICO

WCJr Design

www.wcjrdesign.com

Áudio Vídeo Magazine é uma publicação mensal, produzida pela EDITORA AV MAG ME. Redação, Administração e Publicidade, EDITORA AV MAG ME. Cx. Postal: 76.301 - CEP: 02330-970 - (11) 5041.1415 www.clubedoaudiovideo.com.br

Todos os direitos reservados. Os artigos assinados são de responsabilidade de seus autores e não refletem necessariamente a opinião da revista.

EDITOR
AV**MAG**

VENDO

Braço de toca-discos Reed 3P Gold 12", armtube cocobolo, finewire C37+Cryo de cobre 125cm, KLEI plugs, estado de novo (usado menos de 10 h de uso), na caixa original, com manual e acessórios originais.

R\$ 19.500.

Sérgio

sergiokwitko@gmail.com

**VENDO**

- Cabo Chord Company Sarum Super Array digital RCA - 1 m (com caixa).

R\$ 3.900.

- Cabo Chord Company Sarum Super Array digital USB - 1 m (com caixa).

R\$ 4.300,00

- Cabo Chord Company Sarum Super Array digital DIN 3 pinos - 1 m (sem caixa). R\$ 3.900

- Cabo de caixa Chord Company Sarum banana x banana - 3 m (com embalagem original). R\$ 17.200

Allan

allanhien73@gmail.com

1.



2.

**VENDO**

1- Amplificador integrado McIntosh MA7900 - novíssimo com poucas horas de uso, 200 Watts por canal, balanced input, phono input MM, 2 channels e Solid State. R\$ 33.800.

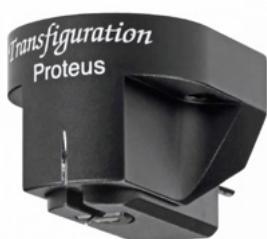
2- Par de caixas Verity Audio - modelo Fidelio, Black e 250 W music.

R\$ 18.600.

Marcos

mrascachi@hotmail.com

1.



2.



3.



4.

VENDO

1. Cápsula Transfiguracion Proteus, sem uso. Impecável. R\$ 18.000.

2. Cabo Sax Soul Ágata RCA - 1m. R\$ 8.000.

3. Amplificador Parasound A 21, semi-novo, em excelente estado. R\$ 8.500.

4. Braço Jelco. R\$ 5.800.

5. Set de válvulas casados e calibradas pela Air Tight, para os monoblocos ATM-3. Lacradas e sem nenhum uso. U\$ 2.400 (o pacote completo para os monoblocos).

Fernando Andrette

fernando@clubedoaudio.com.br

A proteção do seu sistema

Condicionador



Condicionador
Estabilizado



Módulo
Isolador



UPSAI
sistemas de energia

vendas@upsai.com.br / www.upsaicom.br / 11 - 2606.4100

A EVOLUÇÃO MAIS QUE ESPERADA DE UM BEST BUY



**A Sunrise Lab tem o prazer de apresentar o V8 MK4, nossa maior obra prima!!
Deixemos a palavra com os nossos clientes:**

Minha história com o V8 é antiga. Conheci o V8 MKI na casa de um amigo, gostei bastante e acompanhei o crescimento de seu sistema com diversos upgrades em volta. Tempos depois, numa troca recebi um MK II no qual acabei atualizando para MKIII, onde o ganho foi grande em muitos aspectos e valeu cada centavo.

Comprei um toca-discos e levei para o Ulisses regular. Ao buscar e ouvi-lo no seu sistema com caixas do mesmo fabricante que as minhas, casou perfeitamente. Era um caminho sem volta.

Encomendei um! Que sensação falar diretamente com o fabricante, com possibilidade de personalizar, futuros upgrades e principalmente a garantia de reparo, sem qualquer dor de cabeça.

Estou plenamente satisfeito, o resultado foi acima da minha expectativa e elevou muito meu sistema. O MKIV está num outro patamar, se equiparando a importados de valor muito acima.

Agora é curtir e juntar uma graninha para meus futuros cabos, que estão sensacionais! Mais um acerto do Ulisses.

Dario, São Paulo.

Setup & Upgrade de Toca-Discos de Vinil • Upgrades & MODs • Acessórios • Consultoria • Assistência Técnica